

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

AMANDA SANTANA DOS SANTOS

**O ESTUDO DA MATERIALIDADE NA PERSPECTIVA DOCUMENTAL: UMA
ANÁLISE DO PERIÓDICO RECOPIADOR SERGIPANO (1832-1834)**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2018**

AMANDA SANTANA DOS SANTOS

**O ESTUDO DA MATERIALIDADE NA PERSPECTIVA DOCUMENTAL: UMA
ANÁLISE DO PERIÓDICO RECOPIADOR SERGIPANO (1832-1834)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal
de Sergipe para obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Martha Suzana
Cabral Nunes

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

S237e Santos, Amanda Santana dos
O estudo da materialidade na perspectiva documental:
uma análise do periódico Recopilador Sergipano (1832-
1834) / Amanda Santana dos Santos. – 2018.
66 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em
Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal
de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
Orientadora: Profa. Dra. Martha Suzana Cabral Nunes.

1. Ciência da Informação. 2. Documento. 3.
Materialidade. 4. Recopilador Sergipano. I. Autor. I Título.
CDU 0.023

**O ESTUDO DA MATERIALIDADE NA PERSPECTIVA DOCUMENTAL: UMA
ANÁLISE DO PERIÓDICO RECOPIADOR SERGIPANO (1832-1834)**

AMANDA SANTANA DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal
de Sergipe para obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Nota: 9,73

Data de Apresentação: 31/08/2018

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Martha Suzana Cabral Nunes
(Orientadora)**

**Profa. Ma. Glêyse Santos Santana
(Membro Convidado)**

**Profa. Ma. Alessandra dos Santos Araújo
(Membro Convidado)**

RESUMO

O presente trabalho analisa o jornal Recopilador Sergipano, primeiro periódico editado em Sergipe, abordando-o através de sua materialidade. Estudos dessa natureza adotam referências de diferentes áreas do conhecimento para embasar os resultados, tais como McLuhan, Chartier e De Luca, que abordam a informação por meio dos periódicos. Para trabalhar com esse objeto fez-se necessário considerar além do suporte de texto seu contexto histórico, com foco nas interferências sociais do discurso e consequente prática de leitura. Utilizando-se da pesquisa exploratória, foi possível investigar os mecanismos que o apresentam como uma relevante fonte de informação, demonstrando, assim, mais uma vertente no que diz respeito à interdisciplinaridade da Ciência da Informação. Tal pesquisa indica também uma tendência em tratar o documento por meio de suas formas, desprendendo-se da exclusividade em discutir apenas o conteúdo textual. Identificou-se por meio do estudo que o impresso possui grande valor como meio de retratar um importante momento vivenciado pela sociedade sergipana, visto o nível de relevância do seu conteúdo.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Documento. Imprensa periódica. Materialidade. Recopilador Sergipano.

ABSTRACT

This paper analyzes the newspaper *Recopilador Sergipano*, the first newspaper published in Sergipe, addressing it through its materiality. Studies of this nature adopt references from different areas of knowledge to support the results, such as McLuhan, Chartier and De Luca, who approach information through journals. In order to work with this object, it was necessary to consider beyond the text support its historical context, focusing on the social interferences of the discourse and consequent practice of reading. Using the exploratory research, it was possible to investigate the mechanisms that present it as a relevant source of information, thus demonstrating another aspect with regard to the interdisciplinarity of Information Science. Such research also indicates a tendency to treat the document through its forms, detaching itself from the exclusiveness in discussing only the textual content. It was identified through the study that the printed has great value as a means to portray an important moment experienced by Sergipe society, given the level of relevance of its content.

Keywords: Document. Information Science. Materiality. Periodic press. Materiality. *Recopilador Sergipano*.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

Quadro 1: Distribuição dos exemplares estudados	33
Quadro 2: Periódicos da corte reproduzidos pelo Recopilador Sergipano	42
Gráfico 1: Distribuição da seção anúncios	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cabeçalho da primeira página	40
Figura 2: Primeira página	41
Figura 3: Escravo em fuga	54
Figura 4: Navio cargueiro	54
Figura 5: Mão com dedo indicando	55
Figura 6: Indicações dentro do corpo do texto	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C	Antes de Cristo
ALCAR	Rede Alfredo de Carvalho
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
BN	Biblioteca Nacional
CI	Ciência da Informação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	IMPrensa - PERCURSO HISTÓRICO	13
2.1	Surgimento da imprensa em Sergipe	15
2.2	O Jornal como documento	17
3	MATERIALIDADE EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	22
3.1	A materialidade no estudo dos periódicos	26
3.2	Editores em Ciência da Informação	30
4	METODOLOGIA	33
5	O JORNAL RECOPIADOR SERGIPANO	37
5.1	Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira	37
5.2	Aspectos físicos	38
5.3	Capas	39
5.4	Seções do jornal	42
5.4.1	Correspondências	43
5.4.2	Interior	44
5.4.3	Anúncios e Propagandas	44
5.4.4	Máximas e pensamentos	47
5.4.5	Notícias estrangeiras	48
5.4.6	Ofício	48
5.4.7	Editais	48
5.4.8	Anedotas	48
5.4.9	Variedades	49
5.5	Circulação e periodicidade	49
5.6	Tipografia	51
5.7	Gravuras	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da imprensa aliado com as necessidades informacionais que surgem ao longo da história, assume um papel importante diante das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas durante os mais diferentes episódios relacionados ao progresso da humanidade.

Adquirindo características específicas ao longo do tempo, a imprensa ocupa-se de narrar o cotidiano em períodos e locais distantes, em seus diferentes gêneros, tais como o impresso, difundindo informação sobre acontecimentos diversos como política, educação e lazer. Dentro dessa perspectiva, porém, o jornal era visto como impróprio para recuperação de relatos históricos devido ao perfil parcial e facilmente manipulável, o que fez com que, durante muito tempo, essas publicações não fossem consideradas no momento para pesquisa. Este cenário mudou a partir da Escola dos Annales (1929), pois a partir daí passou-se a desenvolver estudos que expandiram as definições de fonte, incluindo a imprensa como agente histórico (NEVES, 2006). Tal ideia também foi introduzida por Paul Otlet (1934) no seu entendimento de alargamento de fontes documentais.

O uso dos periódicos como fontes de informação tem despertado interesse dentro do campo da Ciência da Informação (CI), uma vez que pouco se abordou sobre a confiabilidade de determinados conteúdos, principalmente, no que se diz respeito ao gênero jornalístico, pois, o jornal era considerado veículo influenciador de opiniões.

Poucos autores ousaram assumir o desafio de envolver-se com os periódicos como fontes, temendo equívocos relacionados a esse tipo de referência e assim comprometendo os resultados de suas pesquisas, o que para Martins e De Luca (2006, p.112) é facilmente justificável, pois:

[...] os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.

Tendo em vista a possibilidade de análise do jornal como documento e a importância de sua preservação na recuperação de registros históricos, o objeto de estudo desse trabalho é o primeiro jornal editado em Sergipe, onde se dedicou

atenção especial ao estudo dos aspectos de sua materialidade visando compreender todo contexto que envolveu a criação e manutenção do jornal durante o período que esteve em circulação, enfatizando a importância das estratégias durante o processo editorial para obter o impresso que seria levado ao leitor, como explica (CHARTIER, 2002, p.64 *apud* BERTO, 2008, p. 48):

Chama a atenção para o processo de produção e publicação dos impressos que [...] implica sempre uma pluralidade de espaços, de técnicas, de máquinas e de indivíduos. Portanto, [abordá-los pela sua materialidade] trata-se, antes de tudo, de encontrar quais foram as diferentes decisões e intervenções que deram aos textos impressos suas diferentes formas materiais.

Utilizando como fonte primária os exemplares do periódico *Recopilador Sergipano*, foram examinados os jornais publicados entre os anos de 1832 e 1834, digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, assim como os materiais digitalizados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Os aspectos editoriais foram analisados minuciosamente expondo os diferentes enfoques através de sua materialidade. Silva (2012, p.33) justifica a importância de estudos dessa natureza, afirmando que:

[...] o impresso, por meio de sua materialidade, nos possibilita trabalhar em busca de pistas, por camadas, para localizar os sinais das práticas editoriais capazes de revelar os indícios de uma intencionalidade que orienta a organização e o regramento da leitura, por meio da didatização do conjunto.

Diante da importância do jornal como disseminador de informações, surgiu o interesse em pesquisar a materialidade do periódico *Recopilador Sergipano*, primeiro órgão da imprensa sergipana, onde se buscou compreender através dos assuntos abordados em suas matérias e artigos, suas características editoriais. Além disso, a pesquisa buscou explorar as especificidades do suporte e recursos gráficos, onde através de sua análise pode-se ter uma visão do meio social em que estava incluso.

Sobre isso, Neves (2006, p.10) afirma que “O redimensionamento da imprensa como fonte documental –na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas- possibilitou a busca de novas perspectivas para a análise de processos históricos. ”, ou seja, a imprensa passa a dar voz a uma determinada sociedade onde esteve incluída, possibilitando enxergar através dela costumes, questões culturais e de ordem social de diferentes perspectivas.

Justifica-se essa pesquisa, pois, estudar a materialidade de periódicos antigos envolve compreender determinadas características visando entender o jornal como documento e sendo um agente importante de transformações dentro do tempo e espaço em que esteve inserido. Diante disso, foi possível traçar um panorama dos recursos disponíveis para a diagramação e o arranjo de seus elementos, o que incidiu numa reflexão acerca dos avanços da imprensa que envolvem, sobretudo, o perfil do leitor. Sobre isso De Luca (2005, p.132, grifo nosso) diz:

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, **há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras.** Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.

Quando Le Goff (2013) classifica o documento como prova histórica, ele estende a noção de seu conceito de maneira a compreender os mais diferentes gêneros da escrita, desse modo e diante da constatação do importante papel que o Recopilador Sergipano desempenha como fonte histórica, essa pesquisa descreve sua materialidade e características.

Devido a atualidade das informações contidas nos periódicos, o estudo acerca do jornal vislumbra compreender também o contexto e a motivação por trás de suas matérias e editoriais, visto que esses possuem o perfil de personalidade e se tratando do nosso objeto de estudo que adota uma postura politicamente crítica, é observada, mesmo que de maneira implícita, a posição adotada pelo seu autor.

A CI se desenvolve em meio a profundas transformações que fizeram surgir a necessidade de um novo modelo de produção científica. Tais condições resultam numa multiplicidade de elementos que ajustados formaram um campo de origem interdisciplinar que se dedica ao estudo da informação como fenômeno e aos seus processos de “produção, tratamento, organização, disponibilização e uso” (SOUZA, 2015, p.18). Apoiada nessa multiplicidade e visando a necessidade da ampliação no que se refere a organização da informação, a Ciência da Informação se expande incorporando outras áreas do conhecimento a exemplo da Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação. Dentro dessa nova direção é notável a forma como a Biblioteconomia estende sua atuação a outros setores que se ampliam para a resolução de problemas informacionais, com o crescimento do número de

periódicos, a Biblioteconomia aproxima-se das atividades documentais (SOUZA, 2015).

De uma maneira geral a proposta da pesquisa se faz necessária tendo em vista a interdisciplinaridade da Ciência da Informação e a necessidade do profissional bibliotecário estar engajado nas práticas culturais, além de reconhecer o valor do jornal analisado como documento histórico e agente na preservação da memória da imprensa de um modo geral.

Assim, diante do exposto, a pergunta que norteará o andamento da pesquisa é: como se apresentava o periódico Recopilador Sergipano quanto às suas características físicas e editoriais?

Como objetivo geral propõe-se: analisar a materialidade do periódico Recopilador Sergipano destacando suas características, além de apontar seus aspectos como fonte documental dentro da perspectiva da Ciência da Informação. Os objetivos específicos podem ser assim elencados: a) historicizar o periódico Recopilador Sergipano, descrevendo suas características com relação a suporte, recursos e demais particularidades; b) refletir sobre a relação entre as formas do impresso e o interesse por parte do leitor.

Os capítulos desse trabalho encontram-se assim apresentados: o primeiro capítulo traz as considerações iniciais que indicam questões introdutórias bem como os objetivos da pesquisa.

Nos capítulos dois e três, o referencial teórico insere trabalhos anteriormente publicados na área, e a literatura que dá embasamento ao que é escrito.

No quarto capítulo está a metodologia utilizada para alcançar os objetivos do trabalho, seguido do capítulo cinco onde através das análises são expostos os resultados encontrados, além de mostradas as seções bem como um apanhado das características físicas e editoriais.

Ao final são apresentadas as reflexões sobre a pesquisa do jornal, e são feitas considerações acerca das questões que envolvem o estudo da materialidade no ponto de vista documental.

2 IMPRENSA- PERCURSO HISTÓRICO

A prensa criada por Johannes Gutemberg no século XV foi um marco de transição para o período moderno e proporcionou desenvolvimento em diferentes aspectos, principalmente nos campos da literatura e tecnologia. A partir daí se deu início ao processo de difusão da informação em maior escala, uma vez que a reprodução de livros antes feita de maneira manual passa a ser automatizada, abrindo espaço para a popularização de outros modelos de publicações.

Bira Câmara (2009) ressalta a importância do surgimento da imprensa para a sociedade, onde segundo ele, a mídia impressa pode ser considerada um veículo fundamental no que diz respeito à difusão de ideias nos últimos quinhentos anos por alcançar diferentes esferas das atividades humanas. Complementando isso, ele prossegue afirmando que é impossível ignorar a influência da imprensa sobre os eventos políticos, constitucionais, eclesiásticos e econômicos, bem como os movimentos literários, sociais e filosóficos. A comercialização de obras impressas foi também fomentadora do desenvolvimento econômico nos ramos da indústria e do comércio.

Segundo Melo (2003, p. 44), é notória a rapidez com que o novo modelo de impressão se espalha pela Europa, evidenciando a importância da invenção de Gutemberg “como instrumento útil à vida do continente”. No fim do século cerca de 1.200 oficinas tipográficas já existiam no Continente Europeu, o que, aliado às condições e características do período, é um fato surpreendente.

A partir da modernização contínua dos processos de impressão, a imprensa atinge uma função importante de levar informações, principalmente através de jornais que, durante muito tempo, foram os únicos veículos de comunicação. Entretanto, muito anterior a isso, os governantes já possuíam a prática de transmitir suas ordens e seus feitos através de suportes como cera e argila. Quando os líderes se dão conta do poder de influência que os jornais têm, acontece um aumento surpreendente na quantidade de publicações e isso ocorre em diferentes épocas da história (ABREU, 2002).

O surgimento da imprensa foi um marco importante também nos rumos da educação. A possibilidade de agilizar o processo de cópia das obras que viabilizou inclusive que o ensino fosse se desprendendo da imposição da Igreja Católica,

abrindo margem para a criação de universidades que não fossem ligadas ao ensino religioso, como explica Teixeira (2005, p. 69):

Também nessa época a imprensa não só acompanha como contribui para a consolidação do processo de urbanização – que inclui o surgimento das primeiras universidades, espaços dedicados a uma forma de transmissão do conhecimento, diferente daquela proposta pela Igreja. Até então, mosteiros e abadias centralizavam o acesso, a manutenção, a organização e a difusão do conhecimento universal. Com a urbanização, que acontece gradativamente desde o séc. XIII, e através das possibilidades oferecidas pela imprensa, o saber começa a escapular das abadias e mosteiros, alcançando as cidades, integrando-se às formas de ensino seculares, não ligadas à Igreja. Urbanização, universidades e imprensa se tornam instrumentos essenciais para a formação de uma emergente classe, criada a partir dos comerciantes presentes nas incipientes zonas urbanas: a burguesia, cujas propostas culminam nas Revoluções Norte-Americana, Francesa e Industrial.

Os avanços tecnológicos contribuíram para que a imprensa se consolidasse cada vez mais, pois, com a industrialização, os custos foram diminuídos, novos suportes foram sendo agregados e em consequência disso leitores foram sendo atraídos pelas novas oportunidades trazidas pelos novos modelos de leitura.

Ao contrário da ligeira expansão da imprensa pelo restante do mundo, seu início no Brasil se dá oficialmente no ano de 1808 com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro. Apesar disso Lopes (2008) afirma que a imprensa no Brasil surgiu em 1706, em Pernambuco, depois, em 1747, houve outra tentativa no Rio de Janeiro e mais tarde, em 1807, em Vila Rica, Minas Gerais. E que todas essas três tentativas foram frustradas por ordem do governo português com o objetivo de manter a Colônia sob o domínio da Coroa, dominada pela ignorância.

São inúmeras as explicações para o atraso na implantação de prelos e tipografias no país. Martins e De Luca (2006, p.16) associam essa defasagem ao “caráter censurador da administração portuguesa, a quem não convinha levar o esclarecimento da palavra impressa à população de territórios que se prestavam apenas à exploração comercial” como também a influência da Igreja Católica no processo não sendo do interesse “divulgar outro meio de conhecimento que não aquele da catequese”. Melo (2003) reitera que, além desses fatores já citados, a predominância do analfabetismo na população em sua maioria escrava e indígena não viabilizava tais atividades.

Enxergando a necessidade da circulação de impressos, em 13 de maio de 1808 o príncipe regente D. João cria oficialmente a Imprensa Régia, responsável por dar suporte às atividades governamentais da administração real como esclarece seu Decreto de criação:

[...] e atendendo á necessidade que há da oficina de impressão nestes meus Estados: sou servido, que a casa onde eles se estabelecerão sirvam interinamente de Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda legislação, e Papéis Diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição do meu Real Serviço. (BRASIL, 1808, p. 53)

Essa decisão surge como incentivo para a criação de periódicos que passam a ser editados em tipografias regulares em diferentes regiões do país. Muitos desses periódicos atuam à serviço dos ideais e serviços do império.

Os primeiros jornais brasileiros surgem ainda no ano de 1808 são eles: Correio Braziliense e a Gazeta do Rio de Janeiro. Nas palavras de Olavo Saldanha (2011, p.1) “A ironia da história é que, nem o Correio Braziliense é propriamente brasileiro e nem a Gazeta do Rio de Janeiro é propriamente imprensa”. Isso se explica pelo fato de o primeiro ser editado e impreso em Londres pelo jornalista Hipólito da Costa que se encontrava exilado, enviando clandestinamente exemplares do jornal ao Brasil e propagando ideias liberais. E o Gazeta do Rio de Janeiro era considerado um jornal oficial, editado na tipografia Régia e se dedicava aos comunicados do governo e interesses da Família Real.

A imprensa se expande lentamente pelo restante do país. Essa evolução se dá de forma gradativa e leva cerca de trinta anos para que todos os Estados disponham de tipografias regulares (MELO, 2003). A pesquisa de Nelson Sodré (1966) expõe cronologicamente as datas em que surgem os primeiros jornais impressos das principais províncias e ilustra a disparidade em relação ao período da instituição da primeira tipografia regular no Brasil e sua implantação pelo restante do país. O segundo per dico regularmente lançado no Brasil era da Bahia, no ano de 1811, seguido por Pernambuco e Maranhão que dez anos depois também passavam a editar e fazer circular jornais. A partir daí houve um avanço significativo no número de per dicos impressos que passaram a se propagar pelas províncias.

2.1 Surgimento da imprensa em Sergipe

Em Sergipe a imprensa surge no ano de 1832 quando o monsenhor Antônio Silveira cria o jornal *Recopilador Sergipano*, editado por ele em sua tipografia na cidade de Estância, juntamente com o padre José Alves Pitangueira¹, redator.

A criação do jornal na cidade culminou em mais um marco no seu desenvolvimento, Bruno Brasil (2015) explica que entre os fatores que justificam o aparecimento do veículo de comunicação, sem dúvida está a emancipação da povoação de Estância um ano antes, o que deixa explícito o nível cultural da localidade reconhecida como berço de escritores, artistas e outras personalidades.

Assim como ocorreu em outras províncias, a imprensa surge em Sergipe dentro de um contexto político conturbado de disputa entre os grupos dos camundongos (conservadores) e rapinas (liberais), grupos que durante muito tempo se revezaram no poder provincial, e tendo em vista que o criador do jornal era uma figura pública, como analisa Sodré (1966, p.122):

A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política: aparece antes e cresce mais depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas.

Evidenciando o fato de o início da imprensa em Sergipe estar diretamente ligado a questões políticas, é interessante destacar que o periódico começa a ser editado durante a administração de Dr. Marcelino de Brito², que presidiu as eleições em que o Cônego Antônio da Silveira, fundador do jornal, foi eleito representante da Província. (NUNES, 2000)

Retomando ao período em que circulou o jornal podemos facilmente presumir seus leitores em potencial, pois levando-se em consideração que mulheres, escravos e pobres não tinham direito à alfabetização, conclui-se que a alta sociedade era a mais interessada em adquirir o impresso, inclusive para se

¹Nasceu a 4 de dezembro de 1812 no município do Espírito Santo, iniciou a vida pública como professor de latim, estudou no Seminário da Bahia onde tornou-se padre, foi ainda político, jornalista e advogado. Teve uma Nasceu a 4 de dezembro de 1812 no município do Espírito Santo, iniciou a vida pública como professor de latim, estudou no Seminário da Bahia onde tornou-se padre, foi ainda político, jornalista e advogado. Posição de destaque no meio social em que viveu e sempre possuiu grande prestígio na Província. Faleceu na capital da Bahia a 19 de fevereiro de 1858. (GUARANÁ, 1925)

² Nasceu em Salvador, 2 de junho de 1799 em Salvador-BA, eleito deputado pelo Ceará, Sergipe e Bahia. Presidente da Província de Sergipe entre os anos de 1831 e 1833, presidente da Província de Pernambuco em 1844, Ministro da justiça em 1846 e Ministro do Supremo Tribunal Federal de 1864 a 1879. Faleceu em 27 de janeiro de 1879, na cidade do Rio de Janeiro aos 79 anos. (GUARANÁ, 1925)

manter atualizada acerca de questões pertinentes ao meio social na qual estavam inseridos. Em seu trabalho o pesquisador Acrísio Oliveira (2018) traz um levantamento dos dados feitos por Luiz Mott sobre a população, economia e sociedade da época e através deles conclui que:

[...] não tendo os escravos direito à escolarização e contando ainda com uma população esmagadoramente analfabeta, isso devido ao lento processo de educação, o surgimento da imprensa na dita Vila foi, sem sombra de dúvida, um grande feito. Assim, seus leitores deveriam ser a elite intelectual estanciana, talvez ligada ao poder político local, algo que deveria se repetir por todo o Império. (OLIVEIRA, 2018, p.3)

Sobre essa elite ele destaca ainda a exclusão feminina no processo de educação declarando que deveria ser predominantemente masculina, pois numa sociedade marcada por atitudes machistas, a mulher estava reclusa no interior dos lares. (OLIVEIRA, 2018)

No ano de 1835, Antônio Silveira transfere sua tipografia para a antiga capital São Cristóvão onde passa a produzir o jornal Noticiador Sergipense, que se definia como “*Folha oficial, política e litteraria*” este veio para substituir o Recopilador Sergipano, apesar de seguir a mesma linha e periodicidade. Muitos outros jornais foram editados enquanto Sergipe ainda era uma província e isso indica que o empreendimento precursor de monsenhor Fernandes serviu como estímulo para que esse modelo de comunicação se popularizasse rapidamente.

2.2 O Jornal como documento

A trajetória do jornal é reconhecidamente um modelo importante de vinculação e divulgação de fatos noticiosos (ou não) que envolvem determinado ciclo de espaço e pessoas. Tamanha notoriedade faz do jornal impresso um dos meios de comunicação mais acessíveis em termos de popularidade, denotando sua influência como veículo possuidor de discurso que direta ou indiretamente visa persuadir.

O jornal surge diante da necessidade de informações e da curiosidade das pessoas. O primeiro jornal de que se tem notícia data de 69 a.C, trata-se do Acta Diurna, uma iniciativa do Imperador Júlio César. Era produzido em grandes placas que eram expostas em lugares públicos para que o povo tivesse

conhecimento dos acontecimentos de Roma. Posteriormente a China aprimora essa atividade e adapta a ideia de elaborar folhetins feitos a mão. A revolução da prensa móvel é mais um capítulo da história dos jornais que passam a ser produzidos em maior escala e em virtude disso se estabelecem como portadores de ideias dos grupos que detinham o poder alcançam assim outros aspectos físicos e consequentemente outros públicos-alvo. (CÂMARA, 2009)

Mais do que contar a história da imprensa, era necessário abrir margem para contar a história por meio dela. Como citado em outro momento, a partir da década de 1970 quando os primeiros estudos acerca da historiografia e dos elementos envolvendo a imprensa como objeto de pesquisa são escritos no Brasil, surge um entusiasmo por parte dos pesquisadores que buscam utilizar da comunicação impressa como fonte de pesquisa em seus trabalhos. Contudo, o uso de periódicos, especialmente de jornais, não era considerado confiável por não possuírem os critérios de neutralidade, objetividade e inclusive credibilidade que eram considerados como requisitos básicos para a utilização como fonte. Assim, eram utilizados apenas como meios de confirmação das pesquisas feitas em outros tipos de documentação. (DE LUCA, 2005)

Ainda no Brasil, no ano de 2001, surge a ALCAR (Rede Alfredo de Carvalho) uma parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia visando a preservação da memória através dos veículos de imprensa, bem como expandir o acesso à cultura escrita no país. Um importante projeto que fez aumentar o inventário documental acerca das muitas formas da mídia com o objetivo geral de:

Desenvolver ações públicas destinadas a comemorar os 200 anos de implantação da imprensa no Brasil, preservando sua memória e construindo sua história. Pretende-se contribuir para o avanço da mídia impressa no novo século, de forma integrada com a mídia eletrônica e a mídia digital, tornando-a patrimônio coletivo do povo brasileiro. (ALCAR, 2001)

A ALCAR conta, dentro dos seus eixos temáticos, com um grupo de trabalho denominado Mídia Impressa que aborda, entre outros temas, a história da imprensa contada através de jornais, revistas, livros, volantes, cadernos, como mídia e valorizando sua relevância como o mais antigo suporte de informação no Brasil, além disso, discute sua contribuição para o desenvolvimento do jornalismo em

pequenas e grandes cidades. Iniciativas como essas agregam valor aos impressos como documentos, e dão assistência aos pesquisadores para encontrar fontes documentais de credibilidade, aumentando as publicações da área. (ALCAR, 2001)

Noticiários de época são documentos históricos que tornam possível o resgate de detalhes sobre os acontecimentos e sendo os principais e muitas vezes únicos meios de informar a população, carregam em suas linhas vestígios do momento e de seus personagens. Explicitam também a quem correspondiam seus interesses.

A amplitude das matérias pode ser apontada como fator determinante para tratar o jornal como forma de registro da informação apropriada à pesquisa. Sua pluralidade temática instiga aqueles que se dedicam ao estudo de vivências sociais por narrar os costumes e os conflitos, historicamente falando. O jornal impresso promove a crítica e a reflexão acerca de assuntos na sociedade, seus registros carregam também intenções de líderes e formadores de opinião. Aproxima-se de relatos orais e acaba por confirmá-los, se torna uma ponte que liga o passado ao presente e que, diferente de outras fontes de informação, esteve diretamente incluído dentro do processo que documenta.

Com a expansão que a Escola dos Annales propõe visando buscar novos modelos de pesquisa, abre-se a possibilidade de o pesquisador fazer uso de novas fontes e os periódicos que antes causavam desconfiança são reconhecidos como valiosos materiais de pesquisa para conhecimento de locais e civilizações. Entretanto, não se pode descuidar da análise criteriosa que deve ser feita em qualquer outra fonte para garantir sua fidedignidade. Jacques Le Goff quando escreveu sobre o conceito de documento-monumento, reforçou a afirmação que caracteriza o documento como “montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver” nessas circunstâncias podemos claramente inserir o jornal impresso como um registro de fatos cotidianos que por algum motivo mereceram destaque e uma vez narrados, permanecem vivos dentro do suporte, pois “o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando lhe o seu significado aparente”. (LE GOFF, 2013, p.537). Obviamente seria amadorismo se utilizar qualquer que seja a fonte sem uma avaliação minuciosa de suas propriedades e sobre isso Le Goff é enfático:

No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 2013, p.548)

Ao escrever sobre determinado fato com coerência o jornalista contribui para transformar seu texto em um documento histórico. Um exame cuidadoso revela qual o comportamento do veículo, seu posicionamento diante dos fatos, seus destaques e modos de construir a notícia e o colocam muito além de um mero narrador de acontecimentos do mundo, mas como um importante documento desse mundo. O ritmo de produção do jornal se assemelha ao nosso ritmo cotidiano reflexo da agitação diária diante disso, “folhear um jornal ou revista antigos geralmente provoca uma sensação semelhante à de folhear um álbum de fotografias” quando nos deparamos com, por exemplo, uma manchete de um momento marcante na história, relembramos o que estávamos fazendo quando isso aconteceu. (TEIXEIRA, 2005)

Friderichs et al. (2006) afirmam que os jornais antigos carregam em si uma personalidade própria, pois nascem em determinado contexto, mantêm-se em condutas que irão refletir em sua orientação editorial. O surgimento de grandes periódicos em momentos históricos marcantes durante o processo político, econômico, cultural e social do Brasil afirma a importância desse instrumento para dar voz a certos interesses, pois uma simples observação aponta suas preferências que ficam marcadas dentro do seu próprio roteiro, onde é possível identificar suas pretensões e é por esse motivo que, além de contar a história da sociedade em suas páginas, o jornal tende a contar sua própria história.

O que distingue os jornais das obras de ficção é justamente o compromisso com a verdade do que é exposto. O jornalista tem por obrigação manter a idoneidade daquilo que escreve e isso garante que, futuramente, venha a ser objeto de pesquisa, traga confiabilidade para embasar os fatos que venham a ser destacados. Quem lê no presente espera encontrar informações verídicas, neutras e mais imparciais possíveis, e essas características certamente privilegiadas também por aqueles que o utilizarão como fonte.

A introdução do jornal como fonte de informação refletiu em um avanço importante no campo da pesquisa, derrubando os mitos sobre as questões que envolviam o caráter inapropriado dos periódicos e, assim, abrindo margem para discussões mais amplas que abordam, sobretudo, as tendências de inserção dos órgãos da imprensa como fontes documentais. Isso pode ser retratado através da quantidade considerável de trabalhos que se utilizam de periódicos em seus referenciais teóricos, e de um novo momento de valorização dessas fontes através de instituições públicas e privadas que atuam para sua preservação e disseminação.

3 MATERIALIDADE EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para entender a noção de materialidade inicialmente deve-se compreendê-la como sendo objeto do meio pelo qual a comunicação não oral é feita.

Estudos acerca do tema foram desenvolvidos inicialmente na área de comunicação apenas a partir da década de 1980 e, portanto, são considerados novos em constante processo de descobertas e construções. Esse interesse surge a partir da percepção do objeto como único meio de efetivar a transmissão de informações não-verbais, sendo necessário abordar esse tema de modo a discutir sua formação e como sua estruturação interfere no ato de comunicar. (FELINTO, 2006)

Entretanto, no ano de 1964 um trabalho pioneiro já dava as primeiras noções sobre o estudo da materialidade dando destaque ao meio pelo qual o conteúdo é difundido. McLuhan tinha o foco voltado para os meios de comunicação, afirmando que eles surtiavam efeitos na vida das pessoas provocando mudanças no comportamento e nos ciclos sociais. Adiante ele defende que os objetos são os grandes responsáveis pela eficiência no processo de comunicação e que são eles que devem ser analisados, sendo de pouca importância o estudo do conteúdo da mensagem. Um exemplo disso, para ele, seriam as diferentes percepções tidas por um indivíduo que receba a mesma mensagem em diferentes suportes. (MCLUHAN, 1964). A partir dessas considerações, McLuhan cria a teoria de que o meio é a mensagem.

A escrita é reconhecida como instrumento de transformação social, de coerção e manutenção de poder, mesmo antes da difusão tipográfica, e representou uma total mudança em diversos ângulos, acompanhando o crescimento das cidades e o surgimento de novas civilizações, o que leva a considerar não apenas o conteúdo, mas também o meio ou o veículo pelo qual ela circula. (FELINTO, 2006)

Outros meios capazes de acomodar os mais diversos tipos de conteúdo são fotografias, quadros, e uma infinidade de outras possibilidades. Sobre os impressos é possível trazer um comparativo acerca do jornal e do livro: o primeiro traz consigo uma questão de consciência, sua estrutura é pensada de modo a integrar o conjunto de reflexões de determinado ciclo social. O livro, por sua vez tende a absorver mais o pessoal individualista do autor. As diferentes formas pelas quais os suportes são lidos colaboram com a ideia de que nos relacionamos com

eles como linhas escritas, não considerando suas superfícies. Isso se explica através dos códigos imagéticos que “dependem de pontos de vista predeterminados: são subjetivos, [...] baseados em convenções que não precisam ser aprendidas conscientemente: elas são inconscientes” Já os códigos conceituais, “independem de um ponto de vista predeterminado: são objetivos” (FELINTO, 2006, p. 114).

Entre os inúmeros processos pelos quais atravessou o ser humano, o domínio da palavra escrita foi um dos mais importantes. Em um determinado momento não era mais possível se ater à forma oral de comunicação, era preciso introduzir um modelo que fixasse a palavra e, assim, surge a escrita e como consequência a multiplicação rápida das informações. Martins (1998) corrobora com tais afirmações quando associa esses acontecimentos ao desejo de criar maneiras que evitassem o desaparecimento das informações e para isso seria necessário um modo de armazenar, organizar, controlar e recuperar, sendo a escrita o meio mais adequado a esse objetivo.

Como citado anteriormente, os documentos assumem relação de dependência inquestionável entre conteúdo e matéria. Autores como McLuhan (1964) e Chartier (2002) buscaram relacionar a subordinação do conteúdo ao suporte que garante sua materialidade. O aprofundamento nos estudos acerca dos documentos esclarece a interdependência entre o signo e o meio.

Dentro do campo da Ciência da Informação é inevitável relacionar seu objeto de estudo ao debate da forma material, isso se explica pelo fato de o conceito de materialidade estar diretamente envolvida uso da informação. Nesse cenário, como a informação atende necessidades individuais ou coletivas, o documento torna-se o produto final da união entre a informação que necessita ser disseminada e o suporte material que funciona como espécie de “veículo” para ela. (SIQUEIRA, 2015)

Os meios de comunicação podem ser utilizados como forma de ampliar o conhecimento e aumentar o número de possibilidades envolvidas entre as ações de enviar, receber e disseminar a informação.

Em sua obra, Edivânio de Souza (2015) discorre sobre as implicações que envolvem o caráter interdisciplinar da CI, para o autor tal característica se evidencia através do teor complexo de seu objeto “informação” e da dificuldade de se definir um objeto único. Além disso, o fato de a informação estar atrelada, mesmo que de maneira tácita, a todas as áreas do conhecimento, e de maneira mais

explícita em muitos setores da sociedade, induz a uma visão mais abrangente que culmina em diferentes conceitos de informação nas diferentes áreas.

A Ciência da Informação possui uma estreita relação com a comunicação envolvendo o uso da linguagem como forma de transmitir a informação, noticiar. Tal questão é um dos aspectos que demonstram a interdisciplinaridade nos estudos da área. Lemos e Nassif (2011, não paginado) sustentam que “a interdisciplinaridade da Ciência da Informação é reflexo da interdisciplinaridade de seu próprio objeto de investigação, uma vez que o conceito de informação perpassa por diversas áreas do conhecimento”. Dentro dessa interpretação a informação se apresenta como “um produto resultante do processo da comunicação entre leitores/as e veículos” (SANTO; DUMONT, 2014, p.2).

Assim, a interdisciplinaridade perpassa a Ciência da informação e a Ciência da Comunicação, e demonstra que existem questões que podem ser observadas em termos de comparação. O conhecimento é uma consequência da informação, porém a absorção do conhecimento submete-se ao estado cognitivo de quem a recebe. O conhecimento aplicado em um determinado suporte, por meio da leitura, é capaz de levar informação, que por sua vez pode gerar conhecimento. É um ciclo que segue uma linha lógica e se renova (JANUÁRIO, 2010).

Para Stumpf e Weber (2003, p.122 apud LEMOS; NASSIF, 2011, não paginado), as duas ciências têm uma ligação direta já que “a informação só existe quando comunicada e a comunicação não existe sem a informação”. De maneira simples, para a informação surtir o efeito esperado ela deve ser levada adiante e para que algo seja comunicado, faz-se necessário o uso de informações.

Enquanto para Le Coadic (2004, p.4) “a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”, a comunicação pode ser entendida como forma de partilhar essas informações tendo em comum o foco na comunicação humana. Na Ciência da Informação esta pode ser entendida como um fenômeno, enquanto na comunicação a informação é um processo. Apesar de ambas terem a informação como ponto em comum, vale ressaltar que cada uma vai lidar com ela de maneira diferente. Embora cada uma delas necessite organizar suas informações em busca de um resultado eficiente perante suas expectativas, na Comunicação o foco será a divulgação, enquanto na Ciência da Informação visa-se transmitir saberes. (JANUÁRIO, 2010)

O ato de transmitir a informação, por si só já se configura comunicação, mas a comunicação é uma ação determinada pelo entrosamento entre quem passa e quem recebe a mensagem. É por meio dessa transmissão que ocorre o processo de propagação das ideias através dos signos. A absorção dessa informação requer um nível de aceitação condizente com o nível do receptor. Ou seja, o bom aproveitamento da informação envolve além da eficiência do emissor, a compreensão por parte do receptor.

Contextualizando as diferentes abordagens é notória a dimensão que o aprofundamento nessa questão pode atingir. É correto que existem diversos conceitos para definir o termo “informação” e estes são adotados conforme o nível de adequação do conteúdo de que escreve, mas na maioria dos casos ela é destacada em termos concretos, como para Buckland (1991) citado por Murguia (2010, p.49) que enfatiza a existência de três conceitos de informação, sendo:

A informação como processo (ato de comunicar), informação como conhecimento (entendido não como ação, mas como objeto, capaz de modificar). Esses dois conceitos têm como característica serem intangíveis. Porém, existe um terceiro conceito que é a informação como coisa, este sim, tangível. A informação como coisa não é o processo e nem o conhecimento em si mesmo, mas a representação física delas.

Partindo das atribuições do profissional bibliotecário, tais como organização, gestão, armazenamento e recuperação da informação, é adequado não destacar apenas o contexto textual do documento, mas compreendê-lo como objeto. Essa compreensão trará de maneira incontestável a noção de que o documento existe com alguma intenção, ele pode não ter surgido por este ou aquele motivo, mas sua preservação é fruto de algum objetivo.

Para Pinto (2002) o documento assume a função de conservador e disseminador da informação, sendo que esta é sua razão de existir. Corroborando com tal afirmação, Ortega e Lara (2010), baseando-se na obra de Jean Meyriat, precursor da Ciência da Informação na França, trazem a ideia de que todo objeto pode torna-se documento, e que, mesmo que o desejo do criador tenha sido outro, a necessidade de ter uma informação faz do objeto um documento. Ainda segundo as autoras, ainda que todo objeto possa vir a ser um documento, não significa necessariamente que este tem função pré-estabelecida como suporte uma vez que:

[...] para Meyriat o documento tem uma função de prova e de suporte de informação que a fixa (MEYRIAT, 1981), podendo ser 'produzido intencionalmente' e/ou ter uma função atribuída (MEYRIAT, 1981, BIANCHI, 1981). A questão que 'faz o documento' [destaque nosso] é a de que o documento por intenção cedeu lugar ao documento por atribuição. Segundo Meyriat (1981), o 'documento por atribuição' não é criado como tal: o objeto pode vir a ser um documento do fato de que aquele que busca a informação, ou seja, que lhe reconhece uma significação, erige o mesmo em suporte de mensagem. Se todo o objeto pode vir a ser um documento, não quer dizer que todo objeto tem por função normal ser suporte de informação, mas que esta pode ser uma de suas funções. (ORTEGA; LARA, 2010, p. 5)

O estudo da materialidade sinaliza uma tendência dentro da Ciência da Informação que manifesta uma preocupação acerca da discussão que destaca as questões e o valor do documento em sua forma material, deslocando a visão privilegiada que se voltava apenas para informação. Esse cenário pode ser justificado pelo avanço dos diferentes modelos de suporte que se renovam constantemente induzidos pela tecnologia. (MURGUIA, 2010)

3.1 A materialidade no estudo dos periódicos

Para Chartier (2002, p. 62), "os textos não estão fora dos materiais de que são veículos" onde para ser texto é preciso de uma forma concreta de acessar seu conteúdo. O autor completa o pensamento instruindo que "contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados", ou seja, não é possível ignorar o suporte no qual a informação está inserida, muito menos desprezar as características materiais que permitem e induzem a leitura.

A escrita e o suporte assumem uma relação de dependência como resume Fraga (2013, p. 2):

Texto, suporte e leitura é o tripé de análise essencial para uma história da leitura e da escrita. Seus vértices se encontram unidos por laços de existência e dependência, porque o texto torna-se objeto pela sua materialização, ou seja, quando transposto a um suporte. Para o suporte existir, como veículo material do escrito, é necessário a presença do texto. Ambos são pensados e criados para serem manuseados, transportados, colecionados, vistos, ouvidos e lidos, enfim, sujeitos a várias utilizações, assim como a participação na construção de práticas culturais e seus significados.

Quanto aos periódicos existe ainda a preocupação em manter o rigoroso controle quanto à qualidade e à periodicidade, respeitando o intervalo em que cada edição vem a ser publicada, obedecendo ao caráter de atualidade que suas informações assumem. No caso do jornal, manter um *layout* padrão garante que se mantenha o foco nos temas publicados, ou seja, o foco principal está voltado para o conteúdo que será organizado. Obedecer a esses períodos de intervalos regulares requer um perfil de seriedade e comprometimento por parte dos responsáveis. O texto final que chegará ao leitor será apenas fragmento de um longo processo pelo qual atravessou o impresso e por esse motivo é essencial no momento de se estudar um periódico, analisar sua materialidade. (REHM, 2010, tradução nossa).

Ao lançar o olhar para os aspectos que compõem o impresso estaremos fazendo uma relação com o público leitor. A criação de determinado conteúdo nada mais é do que a resposta vinda daqueles a quem a proposta se destina, porém, respeitando as particularidades do indivíduo conforme destaca Chartier (1992, p.220) “nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo depende de formas com as quais ele chega ao seu leitor”. Stanislavski (2009, p. 3) reitera afirmando que “não podem ser desligadas estas duas instâncias [materialidade-leitor] sob a pena de excluir o suporte que dá o texto a ler e as formas pelas quais o livro chega ao leitor”.

Os estudos acerca da materialidade confundem-se entre ser considerados novos, ou pouco explorados. As diferentes abordagens concentram-se nas que, de alguma maneira, acrescentam algo à discussão acerca da representação do texto e sua transição material. Ao tratar da comunicação escrita, observa-se de maneira clara a possibilidade de identificar suas representações. A naturalidade com que se manipula o suporte deixa escapar questões óbvias e o exemplo disso é a certeza de que o objeto material é elemento indispensável no processo de comunicação, é responsável pela transmissão da mensagem. (NOVAES, 2015)

A maneira como o texto se apresenta no suporte demonstra diferentes possibilidades de leitura e interação. O suporte é que define o comportamento do leitor, seja no formato impresso ou digital. Sobre isso, Goulart (2014, p. 10) escreve:

O texto, ao assumir uma determinada forma física, permite uma prática de leitura distinta; num suporte digital, por exemplo, basta apenas um click para se acionar o escrito sobre o qual pode se ajustar a forma, o tamanho, a cor

das letras, como também o formato textual, pela ação audaciosa e operante do leitor que aproxima o objeto-texto digitalizado às suas necessidades, às suas apreciações ou às suas preferências particulares.

Estudar as características dos periódicos requer uma análise de todo processo que envolve desde a produção até sua publicação, diante disso Berto (2008) ressalta que a análise de uma coleção de periódicos possibilita aproximar as particularidades de certa realidade, assim como o estudo de seus usos, de práticas que possuem, de suas condições de produção e circulação, com o intuito de identificar concepções e aspectos das representações de uma época.

O estudo da materialidade revela também a percepção sobre o público-alvo e seu contexto social e econômico. Os formatos, preços e até os locais de venda e/ou de distribuição indicam uma tendência em agradar ou até mesmo privilegiar determinados leitores. Outro quesito que se manifesta, dessa vez voltado aos periódicos antigos, é o modelo de linguagem utilizado considerando a incidência do analfabetismo na população mais humilde em praticamente toda história do Brasil, que tornava a informação monopolizada e acessível apenas por meio de outrem, nesse caso as formas de escrita e linguagem utilizadas dirão muito sobre o público a quem a publicação se destinava.

Levando em consideração o objetivo dos periódicos, é necessário frisar que o suporte no qual a informação está inserida é o único meio capaz de atribuir um significado e transmitir a ideia a que se propõe. Rabello e Rodrigues (2014, p. 12) consideram que:

O estudo da cultura material indica que todo objeto tem uma “vida social” e “cultural” já que é produzido em determinados meios (ambientes e contextos específicos) e evidencia, além da sua materialidade, o processo de produção, mediante seus traços estéticos ou indícios da técnica utilizada. Além disso, aspectos econômicos envolvidos na transformação de objeto em mercadoria podem trazer informações elucidativas a esse respeito.

A análise da materialidade indica, ainda, o reflexo do público leitor, sendo que a maneira como o texto está exposto no suporte irá influenciar levando em consideração os interesses e necessidades de quem lê. Fatores como idade, gênero, acessibilidade, nível de instrução, dentre outros, devem ser observados com atenção durante o processo de edição para que atendam aos interesses do público para o qual está voltado. No caso do jornal isso se torna dinâmico, sendo que uma de suas características é a pluralidade de assuntos abordados onde pode, por

exemplo, trazer charges e palavras-cruzadas, classificados, editorial de tecnologia, isso tudo na mesma edição.

Seria um descuido falar sobre processo de produção das formas dos periódicos e não considerar a relação que o suporte desempenha como meio de contato com o leitor. Visto que o meio pelo qual a leitura é viabilizada garante possibilidades aos leitores de interação e de assimilar o conteúdo.

Cada material vai ser lido de uma maneira diferente, a exemplo do jornal que seu formato garante ao leitor a possibilidade de selecionar aquilo que deseja ler. Ele busca pelas seções do seu interesse, folheia as notícias que lhe chama a atenção buscando por assuntos de um perfil específico. Visto que o gosto pessoal é uma questão subjetiva, a equipe deve estar atenta ao projeto gráfico que ofereça essa oportunidade ao cliente. (TEIXEIRA, 2005)

Retornando aos periódicos antigos, não se pode desprezar que o seu leitor tinha outras práticas de leitura. Existem diferenças quanto à estrutura física do impresso e certamente quanto ao perfil de leitor existente à época em que circulou, as adequações feitas com o passar do tempo confirmam o modo de atualização que acompanhava os avanços da sociedade que fazia parte, pois essa é uma tendência natural.

O que chega ao leitor é o produto final de um extenso processo de produção, o qual determina a atividade de leitura e a construção que o leitor irá fazer para se apropriar daquele material que tem em mãos. Estudar os meios de comunicação em seu caráter histórico avança no sentido de interpretar seus leitores, para tornar possível visualizar a invenção criadora do público caracterizando a forma como recepcionavam a informação e manuseavam os diferentes materiais. As diversas sociedades se adaptaram em diferentes modelos culturais de consumo dos periódicos ao longo do tempo. (BARBOSA, 2004)

Para o processo de disseminação ocorrer de forma eficiente é necessário que o leitor tenha competência para elaborar métodos de compreensão do texto ao qual tem acesso. A capacidade de engajamento torna possível a avaliação de determinado discurso, sendo relevante frisar a influência externa do meio social no intuito de desencadear novas percepções ou confirmar prévias, principalmente tratando-se do jornal um meio de comunicação que compreende uma pluralidade de temas, de um lado tem-se os editores e do outro o leitor que pode ser apoiador ou crítico daquilo que é escrito.

De Luca (2005) ressalta o vínculo existente entre a forma material do periódico e a análise de sua historiografia. Segundo ela, é algo de que não pode se desprender sob o risco de ignorar pontos fundamentais e que seriam determinantes para um resultado eficaz. Tendo desenvolvido uma série de tópicos que direcionava para a visão material dos impressos, a autora conclui:

Em síntese, os aspectos até agora destacados enfatizaram a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir, os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que *esta* não se constitui em um objeto único e isolado. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (DE LUCA, 2005, p.138)

Em resumo, a capacidade de o jornal atuar como agente de comunicação envolve desde o procedimento de produção à forma como ele chega até seu público. Diversas práticas de manuseio e leitura caracterizam o jornal como um veículo que se atualiza ao passar do tempo buscando o engajamento com seus leitores não só através do seu conteúdo, mas estendendo essa modernização até o seu suporte.

3.2 Editoração em Ciência da Informação

Editoração é o processo de gerenciamento pelo qual as publicações são submetidas para edição e criação de conteúdo para o projeto final. A função de editar abrange os mais diferentes suportes sejam impressos ou eletrônicos. A equipe de edição é formada pelos mais variados perfis de profissionais a exemplo de “editores de arte e de texto, designers gráficos, *webdesigners*, revisores, profissionais de marketing e produtores” que atuam em conjunto para chegar ao resultado final esperado e avaliar a receptividade do público através dos resultados no mercado (SANTANA, 2006).

A editoração ainda é responsável, entre outras coisas, pelos aspectos materiais adquiridos pela publicação. É no momento da edição que se discute a conveniência da inclusão, ou não, dos textos e imagens selecionados pela redação.

Tem a tarefa de levar ao público o resultado final de um trabalho realizado e pensado pelos agentes da comunicação, colocando em prática ideias e considerando aspectos sociais e culturais através da comercialização de bens e serviços (FREIRES, 2007). Ou seja, encontrar o equilíbrio da forma para propiciar o maior índice de conforto visual para o leitor.

No século XVII surgem os periódicos científicos e literários, frente a isso houve a ampliação do mercado editorial. Essa necessidade surge diante do aumento na demanda por informações onde os autores passam a se envolver com a atividade de escrever e não mais cuidar dos detalhes técnicos das obras.

Nesse cenário surge o papel do profissional de editoração, que dentre as inúmeras competências, requer agilidade e ética. A função do editor envolve um comprometimento com diferentes áreas do conhecimento e por esse motivo conta com a multiplicidade de formações.

Nesse contexto se ressalta a atuação do bibliotecário no processo editorial, principalmente de periódicos científicos, onde as habilidades com normalização e gestão da informação são essenciais. Com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a utilização da tecnologia como modo de difundir informação, a editoração eletrônica modifica o modelo de gerenciamento agilizando e reduzindo os custos financeiros do processo e garantindo que a informação chegue até os suportes mais modernos (MAIMONE; TÁLAMO, 2008)

Uma equipe multiprofissional capacitada é capaz de organizar os elementos do periódico de maneira que atraia ou afaste o leitor, portanto são necessárias habilidades e uma visão diferenciada que fará toda diferença no ato da produção. Assim sendo, é explícita a necessidade de bibliotecário estar engajado nas práticas editoriais em razão dos elementos discutidos e das competências adquiridas no decorrer da graduação, que oferecem base para essa atuação, como explica Lima (2014, p. 19):

A atividade editorial está condicionada à existência de três componentes básicos: a seleção, produção e distribuição. E essas atividades estão relacionadas com o fazer diário de profissionais que lidam com o ciclo informacional: os bibliotecários. Tendo como característica intrínseca de sua profissão a disseminação de informação, com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento, esses profissionais têm encontrado na editoração científica mais um espaço de atuação. Competências como a normalização de documentos, análise de trabalhos técnico-científicos,

organização e gerenciamento de base de dados, são requeridas na gestão editorial.

A materialidade do imprenso aponta o papel do editor como agente de intermédio entre o autor e o público-leitor e tem a intenção de persuadir a leitura através dos elementos por ele administrados, como escreve Robert Darnton (1990, p. 169) “os textos têm propriedades tipográficas que guiam a reação do leitor”. A forma na qual o texto se apresenta agrega significados e constrói um elo de aproximação com o público para o qual está voltado.

4 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa descreve detalhadamente as técnicas que foram empregadas no projeto com o intuito de responder os questionamentos iniciais. Lakatos e Marconi (2003) a definiram como uma prática que visa detalhar o que será feito e as decisões que serão tomadas visando comprovar a hipótese.

Esse trabalho apresenta-se como pesquisa descritiva, considerando que investiga características do objeto de estudo, nesse caso, o periódico Recopilador Sergipano e através dessa análise que foram obtidos os aspectos almejados. Como explica Gil (2008, p.28): “As pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

Devido à má preservação do material foi possível analisar apenas 31 (trinta e um) exemplares, estes distribuídos com o seguinte recorte temporal (Quadro 1):

Quadro 1: distribuição dos exemplares estudados

ANO	EXEMPLARES
1832	Não existe nenhum exemplar disponível.
1833	30 exemplares entre os meses de junho e novembro
1834	1 exemplar do mês de outubro

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

O periódico analisado circulou entre os anos de 1832 e 1834, levando em consideração o período relativamente curto e a dificuldade em se encontrar disponíveis todas as edições completas, foram analisadas todas as publicações desse espaço de tempo.

A abordagem qualitativa, nos fez compreender diante dos fatos levantados, as características do periódico Recopilador Sergipano através do estudo de sua materialidade, dispensando dados estatísticos como critério de eficiência na apresentação dos resultados.

Adotar esse modelo de pesquisa permite a interação com o ambiente, pois permite a coleta e a análise dos dados, possibilitando uma avaliação

compreensível do jornal. As principais características da pesquisa qualitativa são as de objetivar o fenômeno, ou seja, descrever, compreender e explicar as relações entre o local e o objeto, fazendo assim uma correspondência com o meio social. Além disso, elencar os dados de maneira a aprofundar as investigações acerca da pesquisa respeitando as orientações teóricas previamente discutidas em busca de resultados fidedignos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Com relação aos objetivos, a pesquisa se define como exploratória devido ao caráter inabitual do tema pesquisado. Esse tipo de pesquisa permite uma visão geral e uma maior aproximação dos fatos, ela é realizada normalmente quando há poucos estudos sobre o tema escolhido, pois diante disso é difícil formular hipóteses precisas (GIL, 2008). Sendo assim, quando analisamos a materialidade do periódico surge a possibilidade de descobertas de fatos novos que não foram expostos anteriormente e foram aprofundados durante esse estudo.

A pesquisa se define também como bibliográfica, pois foi necessário levantar referências sobre a imprensa e suas especificações, percorrendo uma bibliografia relacionada ao tema proposto com o intuito de se obter informações. Ademais, foram utilizadas obras que tratam sobre a trajetória histórica da imprensa (ênfatisando os jornais), publicações antigas, além da materialidade dos impressos. Foram utilizados livros, teses, dissertações, anais de eventos, dentre outros impressos julgados pertinentes. Inclui-se também a obtenção de material através da internet.

A pesquisa bibliográfica garante a vantagem de o investigador ter a sua disposição uma variedade de materiais que podem ser utilizados como fonte de informação, principalmente quando o problema de pesquisa é amplo e possui dados dispersos. O uso da internet como ferramenta de busca garante o acesso a diversos materiais completos, inclusive estrangeiros. No presente trabalho foi necessário recorrer às bases de dados on-line para ampliar os fundamentos expostos no projeto. Entretanto, é preciso se atentar ao fato de que, com um número excessivo de fontes secundárias, o autor corre o risco de processar os dados erroneamente e, em consequência disso, não apresentar os dados obtidos de maneira correta, comprometendo os resultados da pesquisa. (GIL, 2010)

Do mesmo modo, foi preciso realizar também análises documentais com o foco nos exemplares do periódico. Durante a realização da pesquisa foram analisados também cartas, documentos oficiais e manuscritos que poderiam vir a

agregar conteúdo com a intenção de alcançar os objetivos da pesquisa. Nesse ponto importante frisar um outro aporte metodológico que no andamento da pesquisa se fez necessário: a análise de conteúdo. Esta exige bastante atenção, pois se trata da verificação e do que está por trás do conteúdo como forma de aprofundamento do que foi esclarecido anteriormente.

Analizadas as edições digitalizadas disponíveis tanto na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, como as que estão sob os cuidados do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe entre os anos de 1832 e 1834, considerando que as coleções recuperadas se encontram incompletas. No IHGSE houve dificuldade em acessar a documentação que estava no setor onde seria preparada para digitalização, portanto o foco foi voltado para as 31 edições disponíveis no site da BN. Buscas na Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea foram inúteis, pois segundo funcionário do setor de obras raras todos os exemplares do jornal pesquisado haviam sido furtados de dentro da unidade.

Foram destacados os principais aspectos materiais observados a respeito do formato físico, características de escrita e diagramação, colunas, anúncios, entre outros objetos de interesse dentro da pesquisa de materialidade do gênero jornal que puderam ser observados diante do material disponível.

Com relação aos aspectos físicos foram observados além das particularidades, o estado físico do periódico (pretendia-se obter exemplares originais para uma experiência mais completa), com relação aos exemplares digitalizados estiveram condicionados ao exame mediante a qualidade da digitalização, catalogação e facilidade no acesso.

Sobre a diagramação buscou-se analisar a organização dos elementos gráficos, como as fontes e ilustrações existentes considerando a maneira que se encontram apresentados nas páginas do impresso. A diagramação busca unir harmonia e técnica, dando um padrão de representação gráfica. Em resumo, é distribuir os elementos gráficos no espaço da página, visando buscar o equilíbrio que proporcionará ao leitor conforto no momento da leitura (BAHIA, 1990). Sendo o objeto de estudo um jornal de época, foram feitas a análise de como os elementos gráficos eram organizados com os recursos existentes.

Diante da proposta que envolve o estudo da materialidade, apresenta-se ainda as colunas, crônicas, editoriais e demais seções. Nesse momento critérios como parcialidade, levantamento dos autores que publicam seus textos, recortes de

outros jornais e todos os elementos que compõem a parte textual do periódico tiveram seus perfis avaliados. Incluso nesse contexto está também uma verificação sobre os anúncios, onde elementos como anunciantes, produtos e serviços deverão ser considerados. As correspondências de leitores, enviadas à redação também farão parte do recolhimento de dados.

O caráter formal que geralmente possuem os jornais é uma questão que traz à tona o importante papel que o estudo da materialidade desse gênero desempenha. Diferentemente de outros impressos, o jornal assume uma aparente postura de suspeição, e diante dessa constatação estudar as características de um importante jornal do século XIX nos lança o desafio de constatar elementos que passariam despercebidos diante de uma pesquisa menos aprofundada.

5 O JORNAL *RECOPILADOR SERGIPANO*

O jornal impresso surge como uma maneira de levar informações de diferentes gêneros, sendo um dos meios de comunicação mais acessíveis visto que seu conteúdo compreende assuntos de interesse social. Nesse sentido, o *Recopilador Sergipano* mostra-se como um importante instrumento de divulgação dos assuntos da província de Sergipe, principalmente no que diz respeito aos comunicados oficiais.

Foi incentivado pelo avanço da imprensa em outras províncias que surge o primeiro jornal editado em Sergipe. Seu fundador, monsenhor Silveira, entusiasmado pelo sucesso do empreendimento visto em vários locais pelos quais viajava, decide instalar também na Vila de Estância a tipografia que editou e fez circular o impresso. O espaço foi visto como oportunidade para o padre e político expor seus posicionamentos, defender-se de acusações políticas e até mesmo divulgar seus feitos e ideias liberais. (OLIVEIRA, 2018)

Quanto à sua materialidade, de forma geral, nas edições podem ser encontrados nas seções os mais variados assuntos tais como: pronunciamentos oficiais, espaços abertos de contato com o leitor e espaços disponíveis para a divulgação dos anúncios. Com elementos simples e por vezes demonstrando sinais de improviso, possuía características muito parecidas de outros jornais da época não só em seu formato físico, mas inclusive em termos de conteúdo.

5.1 Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira

Armando Guaraná (1925), no Dicionário Bio-Bibliográfico, descreveu monsenhor Antônio Fernandes da Silveira como fundador da imprensa sergipana. Nascido em 1795 na Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe da Estância, em Santa Luzia, dedicou-se à carreira eclesiástica durante a juventude, matriculando-se no Seminário baiano de S. Damaso, e anos depois voltou a Sergipe em tempos de agitação política, dando os primeiros passos em direção à vida pública.

Adquirindo grande influência, consolidou-se na política nacional representando Sergipe na Câmara de Deputados durante três legislaturas (1830 a 1841, de 1850-1852 e na de 1843-1844, como suplente), assumindo cargos públicos como secretário de governo, auxiliar de bibliotecário na Biblioteca Pública do Rio de

Janeiro, tendo sido diretor da mesma de 30 de outubro de 1837 a 5 de novembro de 1839, além de atuar como Presidente da Assembleia Provincial. Impulsionado por motivos políticos, em setembro de 1832 cria em Sergipe a *Typographia de Silveira*, responsável por imprimir o primeiro jornal da província publicado na Vila Constitucional de Estância. Batizado de Recopilador Sergipano, que nas palavras de Sebrão Sobrinho (1947, p.25) era a “lâmpada votiva da liberdade, a imprensa representada pelo Recopilador Sergipano, aurora boreal, sol-nascente de Sergipe”, evidenciando a importância dessa criação para o desenvolvimento do Estado. Pesquisas apontam que o monsenhor foi pioneiro em implantar a imprensa também no Piauí, logo depois de iniciar as atividades da tipografia aqui no estado. (OLIVEIRA, 2018).

Faleceu em 30 de janeiro de 1862, deixando como legado para Sergipe o movimento precursor que foi crucial para a que a imprensa pudesse se consolidar. Diante de tamanha notoriedade, Costa Filho (1920) escreveu sobre ele: “Monsenhor Fernandes da Silveira foi, afinal de contas, sem contestação, a maior inteligência que militou e fulgiu dentro do palco sergipano, nos dramas partidários da phase regencial”.

5.2 Aspectos físicos

A “pequena gazeta”, como definiu Costa Filho (1920), possuía aspectos simples: tendo cerca de 29x23 cm de tamanho -aproximadamente as mesmas dimensões de uma folha A4 atual-, escrito em preto e branco sempre em quatro páginas e duas colunas.

Na primeira página apresentava o cabeçalho onde constavam informações como ano de publicação, dia e mês e o número da edição. Em letras grandes de fôrma apresentava em destaque o título do periódico. Logo abaixo do título ao lado esquerdo liam-se os dizeres: *Subscreve-se para esta folha em Maroim na casa do Sr. Jose Pinto de Carvalho, na Villa das Laranjeiras na casa do Sr. Padre Jose Joaquim de Campos, e nesta Villa. Na Typographia a \$2000 por trimestre pagos adiantados: e vendem-se números avulsos*. Tais características abrangem todas as edições pesquisadas.

Sebrão Sobrinho (1920, p.25) afirma que essa nota se referia a questões comerciais onde as assinaturas eram pagas adiantadas custando \$2000 as

trimestrais adquiridas na própria tipografia, ou \$4000 as assinaturas semestrais adquiridas em Maruim ou Laranjeiras com amigos de sua confiança.

A epígrafe localizada na lateral superior direita ainda na primeira página trazia a frase de George Washington: “*Sede justos se quereis ser livres; Sede unidos se quereis ser fortes*”. E, seguindo o modelo da maioria dos jornais que circulavam em outras regiões naquela época, não tinha manchetes.

Todas as páginas traziam numeração no cabeçalho e na última, localizado no rodapé estava escrito “*Villa Constitucional da Estância. Typographia de Silveira, E C.*”.

Com fontes pequenas em todo corpo textual, e não obedecendo a um padrão único no tamanho dos tipos, os textos eram distribuídos da esquerda para a direita, de cima para baixo. O espaçamento simples e o pouco espaço nas folhas levava os escritos a ficarem muito próximos uns dos outros. Os títulos das seções eram sempre postos em letras maiúsculas como forma de dar destaque.

5.3 Capas

As capas de jornal são descritas como “apelo visual mais contundente” deste veículo. Tidas como porta de entrada para a leitura a primeira página funciona como meio atrativo e geralmente carrega as principais notícias que estarão em evidência em determinada edição. Também denominada chamada de capa, chamada de primeira página ou simplesmente chamada, como o nome sugere, está localizada na capa ou primeira página e é usada como “vitrine do jornal” e funciona como meio de “seduzir o leitor à leitura dos textos internos e a compra do jornal”. (CALDEIRA, 2007)

O autor interpreta, ainda, um trecho do Manual Geral de Redação da Folha de São Paulo (1984), que define a capa como sendo a parte:

[...] mais importante do jornal, conciliando a um só tempo o propósito de atrair o leitor e o de preservar a credibilidade do jornal. Nela é necessário que se mantenham um equilíbrio temático (oferecendo uma gama variada de assuntos) e o equilíbrio estético. A primeira página não se dirige ao leitor de hoje, mas também ao leitor do futuro. Assim, ao editar a primeira página, deve-se ter a preocupação “com o registro dramático ou solene de fatos que se transformarão em marcos históricos”. (CALDEIRA, 2007, p.21)

Entretanto, tratando-se essa pesquisa da análise de um jornal muito antigo, esses conceitos podem e devem ser reformulados visando vincular os

recursos disponíveis para a elaboração do projeto gráfico e as estratégias de mercado utilizadas por sua equipe. É notório que a capa do jornal, no século XIX (e por algum tempo depois), não assumia o mesmo papel citado no início desta seção. A exemplo do Recopilador Sergipano que não possuía fotografias e nem manchetes, seu aspecto era muito parecido com o do Diário Oficial que conhecemos hoje. Manteve durante todo o período que circulou o mesmo *design*, onde a única diferenciação era seu título escrito em fonte maior que o restante do texto. Sua capa carregava sempre informações relacionadas a questões administrativas do jornal em uma espécie de cabeçalho apresentando data da publicação, número de edição, preço, outras informações essenciais, o nome do grupo responsável e o slogan.

Figura 1: Cabeçalho da primeira página

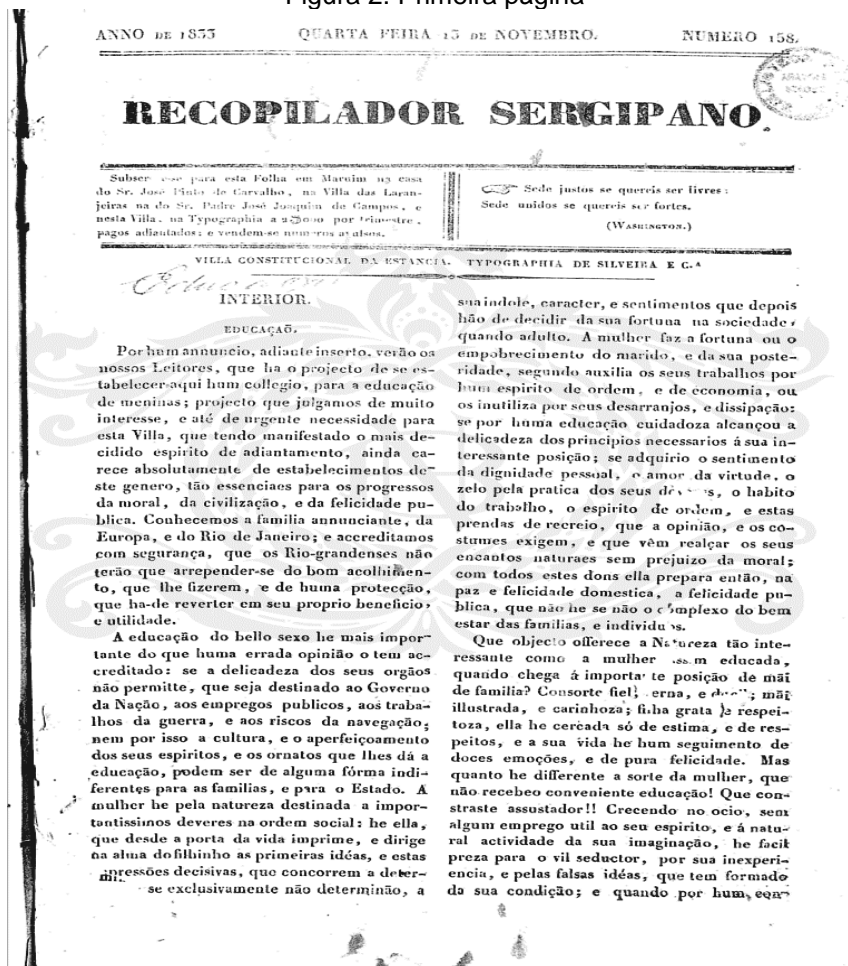


Fonte: Recopilador Sergipano, n.114, p.1

Nas edições pesquisadas não houve nenhum tipo de distinção e muito menos notícia ou temática posta em evidência. Essas observações revelam uma diferenciação no modelo de comercialização do impresso em comparação com o que conhecemos na atualidade. Sendo a chamada de capa uma maneira de induzir o interesse do leitor por determinado conteúdo, como o Recopilador Sergipano, que não possuía tal recurso, chamava a atenção do seu público?

Esse questionamento possui resposta dentro do contexto histórico-social em que o impresso em questão esteve inserido. Seguindo um padrão dos periódicos existentes no período, os textos que ocupam suas páginas eram apresentados de forma corrida, não existindo trechos destacados em primeiro plano. Essa característica pode ser justificada pelo formato padrão que possuíam, não existindo as manchetes e os recursos fotográficos os assuntos tinham a mesma notoriedade, além de que o perfil de seus leitores já era praticamente reconhecido não existia a necessidade de atraí-los com o uso de tais meios. As compras eram realizadas no próprio estabelecimento gráfico, o público ia em busca do jornal estimulado pelos informes que movimentavam o cenário social.

Figura 2: Primeira página



Fonte: Recopilador Sergipano, n.158, p. 1

5.4 Seções do jornal

Analisar as seções acrescenta elementos no que diz respeito à parcialidade demonstrada nos textos que eram produzidos e disseminados. Nas matérias é possível constatar, mesmo que de forma implícita, escritos que enfatizavam as ideias que os editores atacavam ou defendiam. As seleções dos escritos indicam as intenções que seus editores tinham em colocar ou não determinada informação em circulação, para conhecimento de seus leitores. A escrita desses textos justifica, inclusive, a iniciativa de pôr o impresso em circulação, e automaticamente, tornando quem os escreve porta-voz de determinadas ideologias, pois para Nísio Teixeira “o jornalista é um ser humano, com uma história e formação própria, que se posiciona diante de um fato ou, pelo menos, que escolhe palavras para sua descrição”. (TEIXEIRA, 2008, p.67)

As seções do Recopilador Sergipano sofriam constantes variações, algumas se faziam presentes de forma frequente praticamente em todas as edições analisadas, outras foram encontradas esporadicamente. Dois números não possuíam seções (122 e 123), trazendo apenas relatórios sobre a segurança pública e outras questões relacionadas à Assembleia Geral Legislativa. Os assuntos abordados seguiam tendências parecidas em todos os números: leituras longas, grande quantidade de publicações de caráter oficial, a exemplo de leis e decretos que tomavam grande quantidade de páginas.

Outro ponto bem perceptível eram as reproduções de outros jornais, importantes periódicos da corte tinham textos transcritos no Recopilador Sergipano. Esses textos eram inseridos ao corpo do jornal em forma de editorial ou com a finalidade de respaldar algum tema discutido. O Quadro 2 apresenta dados sobre a regularidade em quais outros jornais eram citados:

Quadro 2: Periódicos da corte reproduzidos pelo Recopilador Sergipano

TÍTULO	QUANTIDADE DE REPRODUÇÕES
Aurora Fluminense	5
O Carapuceiro	5
Diário de Pernambuco	4

Jornal do Commércio	4
Verdade	4
Recopilador Liberal	3
Gazeta da Bahia	3
Federalista de Pernambuco	3
Patriota Brasileiro	3
Sete d'Abril	3
Valenciano	2
O Nacional	2
Inflexível	1
Messenger	1
Diário do Governo	1
O súbdito da lei	1
Diário da Bahia	1
Publícola Brasileiro	1
Correio do Amazonas	1
Noticiador	1
Continentino	1
Propagador da indústria	1
Federalista Alagoense	1

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Nas edições analisadas observaram-se 9 (nove) seções diferentes, estas foram examinadas e comentadas, explicitando a maneira como se apresentavam. Em algumas seções julgou-se conveniente apresentar exemplos por meio de imagens ou fragmentos textuais com intuito de exemplificar o que é dito.

5.4.1 Correspondências

As cartas dos leitores estavam presentes na maioria das edições que foram estudadas, tendo sido vistas 17 vezes, e faziam o canal de ligação entre a redação do jornal e o público que o acompanhava. Esse tipo de relação inclui demonstrações de aceitação por parte do público que fazia leitura do impresso,

atuava como instrumento de retorno acerca das considerações feitas por quem acompanhava as temáticas discutidas. Santo e Dumont consideram, ainda, que essas correspondências dizem muito sobre o cenário social e histórico, pois:

As cartas foram consideradas, então, como instrumentos de transmissão de informação sobre a vida em sociedade. Fazem parte de um processo discursivo e estão inseridas em condições sócio históricas. Páginas e colunas específicas para sua publicação servem como espaços de denúncia, de confronto do político/social, de reivindicação, de desabafo, enfim, de exercício da cidadania. Há que se considerar, ainda, que aqueles que escrevem representam uma população muito mais ampla que se possa dimensionar, porque, no fundo, são uma espécie de porta-voz das queixas e observações de tantos/as outros/as que, por algum motivo, não enviam suas opiniões aos jornais. (SANTO; DUMONT, 2014, p. 4)

A análise deixa transparecer que esse era o principal canal de interação e seu conteúdo permite entender que as correspondências publicadas tinham como remetentes leitores assíduos do impresso, uma vez que estes comentavam edições anteriores, discutiam sobre temas anteriormente publicados e inclusive foram vistas edições onde o espaço fora utilizado como direito de resposta. Entre os fatos que comprovam o valor dado a essa seção por parte da redação, estão jornais que possuíam apenas essas cartas ocupando colunas ou até mesmo páginas inteiras, a exemplo dos números 124, 129, 143 e 145. Geralmente as assinaturas eram feitas através de pseudônimos como: “O inimigo dos empolgadores”, “O ouvinte”, “O amigo de todos os homens de bem”, “Berimbau”, “Amigo dos bons pagadores”, “O curioso”, “Amigo da lei”, “Observador”.

5.4.2 Interior

Pode ser considerado o que hoje chamamos de editorial. Textos opinativos, predominantemente escritos na primeira página e podendo se estender por muitas outras. Assim como em outros tópicos apresentava textos copiados de outros periódicos, e foi constatado que alguns eram divididos em duas edições. Seguia sempre a mesma linha do restante do conteúdo e, por isso, fica claro que os textos eram selecionados baseados no ponto de vista do redator.

5.4.3 Anúncios e propagandas

Os anúncios estão entre os principais elementos que dão forma ao jornal. Uma observação minuciosa revela ideais não só do projeto jornalístico em si, mas também do público que se deseja alcançar. Considerando que todos os discursos são voltados a um determinado leitor, quem anuncia busca atingir seus objetivos e dentro desse contexto é possível destacar que esses mudam conforme o espaço e o momento histórico. (GOUVEA; PAIXÃO, 2004)

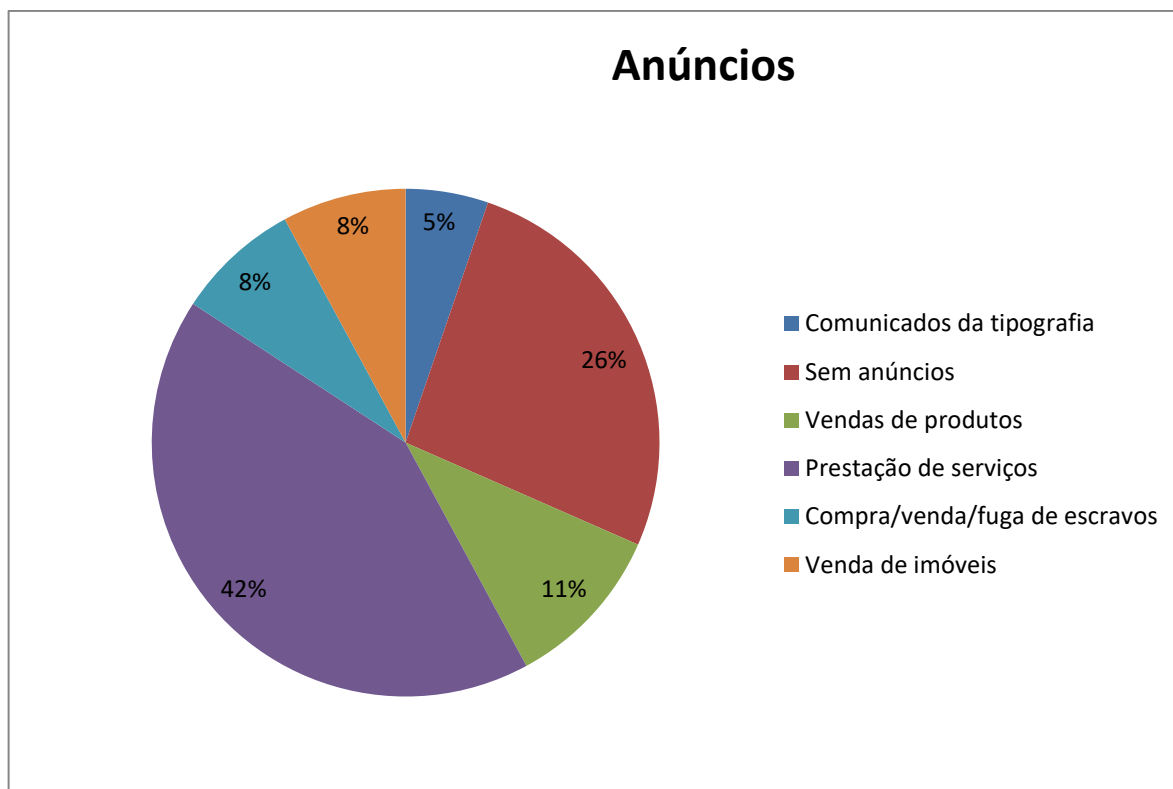
Historicamente a publicidade é incorporada aos jornais como uma maneira de gerar recursos necessários ao sustento do periódico, visando a diminuição de preços e, assim, atrair mais leitores. Em contrapartida, os anunciantes passam a ver a propaganda como oportunidade de chegar até o mercado consumidor. Nem sempre houve uma boa aceitação por parte dos leitores com relação à veiculação de publicidades, para ser inserida como parte do jornal, teve que superar a sombra de representar o rótulo de desconfiança e suspeita sobre a ética jornalística. (DEPEXE, 2011).

Visando atrair lucros para se manter, procedimentos de persuasão foram constantemente adotados nos impressos fazendo dos anúncios um dos cadernos mais importantes. Porém, tratando-se do jornal estudado, fica nítido que essa inserção voltada à lucratividade não se aplica efetivamente, revelando, assim, características específicas daquela época. Observa-se que o interesse financeiro não era o foco inicial, pois o Monsenhor Fernandes, na condição de diretor da tipografia, aproveitava-se das publicações para se promover, mas, posteriormente, viu circunstâncias favoráveis para obtenção de ganhos. Oliveira (2018) declara que ele teria utilizado da máquina pública para fazer crescer seu patrimônio, fez com que seu jornal fosse contratado para prestar serviços ao governo e como era presidente do conselho conseguiu obter vantagens pessoais.

No mais, tratando-se da leitura um privilégio de poucos, o acesso a informação por meio de impressos era praticamente inviabilizado aos mais desfavorecidos, então entende-se que quem anunciava tinha convicção de atingir um público-alvo em particular e que tinha provável interesse naquelas informações.

Desde os primeiros números analisados o jornal Recopilador Sergipano possui anúncios. A seção “ANNUNCIOS” estava localizada sempre na última página do jornal, no canto inferior direito e trazia em seus conteúdos os mais diferentes itens. O gráfico a seguir ilustra a variedade de assuntos divulgados:

Gráfico 1: Distribuição da seção anúncios do jornal Recopilador Sergipano (1833-1834)



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Nem todas as edições possuíam anúncios, das 31 edições estudadas 10 não contavam com esse recurso. Nos números analisados foi possível observar poucas comunicações de vendas, sendo estas de bois, carnes ou imóveis. Em muitos momentos foram vistos comunicados de autoridades, como de juízes e procuradores da Vila, que se dedicavam a divulgar audiências ou convocar devedores. A própria equipe do jornal utilizava o espaço para fins próprios seja para cobrar assinantes ou informar que desejava comprar algo, inclusive divulgação de compras eram feitas com certa frequência, assim como anúncio de objetos perdidos. As ações de compra e venda de escravos, além de recompensas por suas fugas eram tratadas com naturalidade demonstrando que não havia envolvimento com tópicos abolicionistas isso se torna visível quando se publicam anúncios como o de 24/07/1833:

“Fugio ao Padre Francisco Antônio Ferreira Castro, hum escravo de nome Luiz, crioulo bem retinto, gago, alto, grosso do corpo, nariz afilado e pés mal feitos: He official de capateiro, mestre d’assucar, e tocado de viola: quem o conduzir a Sr. no Engenho Serraria, será generosamente gratificado”

Avisos peculiares também eram feitos a exemplo da edição 126 (17/07/1833) onde um indivíduo utiliza do jornal para despedir-se dos familiares e amigos antes de viajar: “Manoel Rodrigues do Cotias, havendo de retirar-se para Sergipe no dia 18 do corrente, e não podendo despedir-se de todos os seus amigos, e conhecidos pela brevidade de tempo, o faz por este” ou no número 134 onde o dono de determinada propriedade ameaça pessoas que estão furtando madeira:

João Dias da Silva, proprietário do Engenho Piripiri, faz público que d’ora em diante procederá contra aquelles, que tirarem madeiras nos mattos do mesmo Engenho sem o seu consentimento, extranhando todavia áquelles, que já tem assim praticado occultamente. (agosto de 1833)

Outra observação é que, em nenhum documento analisado constatou-se repetição de anúncios. Como era característico dos jornais desse período, as propagandas não tinham o perfil de convencimento e nem de argumentação, buscavam apenas trazer informações sobre determinado produto ou serviço como demonstram os exemplos de Pinho (1990, p. 17):

[...] diziam respeito à venda de imóveis (“Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado com frente para a Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva...”), à de escravos (“uma Paula que tem ‘sapiranga’ nos olhos e o ar triste”), aos leilões de tecidos (“constando de 64 peças de fustões acolchoados e 50 caixas com vestidos de senhoras”), a escravos foragidos (“um Benedito de Pirassununga com marca de golpe de faca, dois sinais entre as maminhas, que entende alguma coisa de ofício de pedreiro e é um tanto pilantra”), e à solicitação de serviçais para trabalhos nas casas senhoriais (“de uma mulher para senhora inglesa, que saiba bem lavar, engomar e coser, pagando-se um tanto por mês”).

Rüdiger (1995) apud Depexe (2011) esclarece ainda que esses reclames seriam o que hoje conhecemos por classificados. Isso se dá devido ao caráter meramente informativo, e não objetivando atingir o mercado consumidor propriamente dito.

5.4.4 Máximas e pensamentos

Em relação a adoção de pequenos textos ou frases com perfil reflexivo ou de auto ajuda no jornal Recopilador Sergipano, foram encontrados textos com citações a alguns autores ou simplesmente extraídos de outros impressos sem as

devidas referências. Em algumas edições esse conteúdo apresentava-se apenas como “pensamentos”.

5.4.5 Notícias estrangeiras

Nas três ocasiões em que esteve presente essa seção narrou acontecimentos importantes para a época, sendo duas das notícias vindas de Portugal. Trazia informações acerca da Guerra Civil Portuguesa (ou Guerra Miguelista) e sobre o chamado Cerco do Porto, e tinha o objetivo de informar sobre o andamento das batalhas e dava parciais sobre a situação das tropas envolvidas.

Outra informação, vinda da Itália, reproduz uma nota da Duquesa de Berry, onde assume publicamente ter contraído matrimônio em segredo e explica seus motivos.

5.4.6 Ofício

Essa seção era dedicada às transcrições de ofícios enviados às autoridades, inclusive ao próprio monsenhor na condição de Deputado da Província. Nessa sessão ele, como redator, faz breves considerações numa espécie de resposta aos comunicados.

5.4.7 Edital

Os editais eram escritos em formato de comunicado e se referiam a questões relativas ao interesse público, bem como decisões da administração municipal de certo modo viessem a interferir na sociedade.

5.4.8 Anedota

Publicada apenas na edição de número 114, essa seção trazia um discurso discretamente moralista, não necessariamente voltado para a sátira:

Hum pregador, estando no púlpito, dizia que tudo que Deos tinha feito era perfeito. Hum Carcunda, que se achava no auditório, esperou que o padre saísse da Igreja, e lhe dice- muito bem, Sr. Padre Pregador: Vm. Dice que

tudo Deos fez era perfeito: agora olhe para mim, e diga-me se eu sou perfeito; ao que o Padre imediatamente respondeo- certamente, pois para hum carcunda he perfeito, e o que não he obra de Deos he o carcunda moral (que he filho do Diabo). (n.114, p.4, 01/06/1833)

5.4.9 Variedades

Vista em metade dos números analisados, essa seção continha, como o próprio nome sugere, as mais diversas temáticas. Comumente trazia textos retirados de outros periódicos que circulavam no Brasil durante o período. Falavam sobre o país, emitiam opiniões acerca do cenário político instável, e com discurso patriota comentavam os rumos do país. Eventualmente se pôde constatar interação por parte do redator que escrevia comentários relacionados ao assunto. Foi observado também, em menor frequência, textos com caráter reflexivo.

5.5 Circulação e periodicidade

Analisar o jornal através do tempo é outro elemento significativo que agrega valor à pesquisa sobre materialidade. Informações sobre o período de circulação e sua periodicidade indicam a eficiência (ou não) das técnicas e procedimentos utilizados durante o processo de produção e venda de jornais. Tratando-se de um periódico antigo, a aplicação de determinados critérios aponta como a tipografia se organizava diante de um cenário instável. Sobre isso, Berto (2008) associa a periodicidade como sendo um evidente resultado daquelas estratégias editoriais que são aplicadas para conseguir fazer com que os periódicos circulem. Sua avaliação demonstra de que maneira o nível de estabilidade, conquistada ou não, reflete no meio editorial, seu amadurecimento e as distinções feitas visando melhorar a apresentação, material e conteúdos e aumentar o espaço de circulação.

Tendo iniciado suas atividades no ano de 1832, não é possível definir com exatidão a data do seu surgimento, pois o primeiro número perdeu-se no tempo. Oliveira (2018) resgatou, através de suas pesquisas, as prováveis datas em que o primeiro jornal chega às mãos dos sergipanos. Contestando diversos autores, ele escreve que:

[...] em seu Catálogo, Armindo Guaraná, concluiu que ele teria surgido no dia 7 de setembro 1832. Já Acrísio Torres, em História da Imprensa em Sergipe-volume I, afirma que ele surgiu quatro dias antes, em 3 de

setembro. Mas isso não procede. Primeiro porque esse foi um dia de sexta-feira, e o outro, uma segunda, ambos diferindo dos dias de circulação do jornal; segundo porque uma referência contida no jornal carioca *Astréa*, de 30 junho de 1832, mostra que ele já existia meses antes da data apresentada pelos dois historiadores. Além do mais, descobrimos outro periódico, a *Aurora Fluminense*, que dá a boa nova de seu surgimento, ao dizer: “Vimos um novo jornal. É o *Recopilador Sergipano* na província desse nome”. Esse anúncio de importância capital para a história da imprensa sergipana foi dado no dia 15 de junho de 1832. Mas, atenção, essa data não configura o surgimento do nosso jornal. É que, pelas grandes distâncias e pelos diversos problemas enfrentados na rede portuária brasileira, as correspondências chegavam bem atrasadas. Por conta disso, as trocas de informações entre os jornais das duas províncias (Sergipe e Rio de Janeiro) e até as mais urgentes, costumavam demorar bem mais de um mês. (OLIVEIRA, 2018, p.6)

Tomando por base a primeira edição que se encontra disponível digitalizada (número 114 de 1/06/1833), o autor faz uma regressão considerando publicações ininterruptas circulando às quartas e sábados e conclui que o primeiro número do *Recopilador Sergipano* é de 2 de maio de 1832.

Possuía uma periodicidade bissemanal, e como visto, algumas edições foram lançadas em dias variados. Essa variabilidade pode ser explicada por um aspecto próprio do jornal: o caráter de atualidade. Este precisa ser atual, constar notícias e informações recentes, pois o *Recopilador Sergipano* levantava informações da Província, o que para o período demandava certo esforço, além de reunir textos de outros periódicos, o que o tornava dependente da pontualidade destes e refletia em atrasos da publicação.

O jornal circulava na Vila de Estância onde ficava localizada a tipografia responsável por sua impressão, mas estava presente em outras localidades da província, como é citada no próprio impresso a disponibilidade de exemplares em Maruim e na Vila de Laranjeiras. Certamente as notícias vinculadas chegavam até o leitor de outros locais e conseguiam atingir o propósito de informar, talvez devido ao perfil abrangente das informações noticiadas que acabam envolvendo quem o lia numa espécie de rede de comunicação como revelam Santo e Dumont (2014, p. 6):

O jornal se configura, ainda, como um elemento com poder de vincular seus leitores e leitoras a outros lugares e, também, de funcionar como uma forma de comunicação entre eles. É pública a opinião que ele estampa, conforme assinala Chartier (2001), e essa opinião é que define um espaço abstrato da circulação do escrito entre pessoas que se unem, que não participam da mesma sociedade, mas que, em particular, ao ler ou escrever em sua esfera privada, se comunicam entre si, por meio da circulação do impresso. É um meio dialógico, mesmo que registre certo desequilíbrio entre as vozes que o constroem.

O periódico circulou entre 1832 e 1834, tendo o ano de 1833 como grande impulsionador em números disponíveis para pesquisa. Apesar do curto período em que esteve em atividade, é preciso reconhecer sua importância como precursor da imprensa Sergipana, diante do encerramento de suas atividades houve o rápido surgimento de um novo jornal impresso no ano de 1835, comprovando o papel essencial que esse tipo de veículo já exercia na província.

É difícil esclarecer a quantidade de edições e exemplares que circularam durante esse período, considerando que a maior parte deles se perdeu ao longo do tempo, impossibilitando a pesquisa.

5.6 Tipografia

Transmitir sentido ao que está impresso orientando o caminho que o leitor deve percorrer, preocupando-se em gerar padrões que vão perpassar desde ao corpo todo texto, títulos e subtítulos, etc. Esse é de uma maneira simples, o objetivo da tipografia que Lucy Niemeyer definiu como sendo um:

Ofício que trata dos atributos visuais da linguagem escrita; envolve a seleção e a aplicação de tipos, a escolha do formato da página, assim como a composição das letras de um texto, com o objetivo de transmitir uma mensagem do modo mais eficaz possível, gerando no leitor destinatário significações pretendidas pelo destinador. (NIEMEYER, 2003, p.12)

Porém, o conceito de tipografia tratado nesse trabalho diz respeito a como eram denominadas as gráficas que se utilizavam de prensas móveis para produzir impressos.

Segundo Sebrão Sobrinho (1947), a Tipografia Silveira foi iniciada com o nome de Tipografia Patriota, depois, influenciado pelo novo nome da recente emancipada Vila Constitucional de Estância, intitulou-se o local como Tipografia Constitucional. Teve como membros de sua equipe o Padre José Alves Pitangueira que foi redator entre os anos de 1832 e 1833, e que foi posteriormente substituído pelo comerciante João Inácio de Azevedo e, devido a essa parceria, a tipografia passa a ser nomeada Silveira e Cia, tendo a sociedade se desfeito em 1834, fato comprovado quando o termo “Cia” é retirado do título do imóvel.

Existe uma discordância quanto à procedência da prensa móvel instalada na dita tipografia, alguns trabalhos afirmam que pode ter vindo da Bahia, outros

supõem que deve ter vindo do Rio de Janeiro, do mesmo local onde fora adquirido o equipamento levado ao Piauí.

Outros jornais passariam a ser impressos pela tipografia, entre eles o Diário do Conselho Geral da Província nos anos de 1833 e 1834, responsável por publicar atos do Conselho, e posteriormente, já instalada na capital, passa a imprimir o Noticiador Sergipense (1835 a 1838). Muitos serviços eram prestados aos munícipes, a exemplo de impressão de livros e panfletos, como consta em anúncio feito na edição de 134, onde divulga a venda de panfletos de orações religiosas:

A oração recitada na Igreja Matriz da Cidade de S. Christóvão de Sergipe no dia 11 de março de 1833, por ocasião da Eleições do Deputados, e Conselheiros de Governo, e Província, estando presente o Colégio Eleitoral, por Fr. José de Santa Cecília, vende-se nessa Typographia, e na loja do Sr. Heleodoro no Caminho do Rio a 160 réis por cada hum exemplar. (Agosto de 1833)

5.7 Gravuras

As informações imagéticas foram sendo incorporadas aos periódicos desde o início da imprensa oficial no país, mesmo que de uma maneira tímida, apresentavam-se até nos jornais com grandes roteiros textuais. Entretanto a exploração de imagens dependia de certas modernidades que apenas viriam a contemplar outros modelos de periódicos ilustrados posteriormente.

Periódicos antigos não contavam com recursos e técnicas suficientes para inserir em meio a seus conteúdos grandes imagens. A exemplo do Recopilador Sergipano onde em nenhuma das edições pesquisadas foram encontradas fotos, isso se explica pelo fato de o Brasil ter conhecido a fotografia tardiamente por volta de 1840.

Existia uma dificuldade em ampliar o uso das gravuras em larga escala devido a problemas causados pela ineficiência das máquinas tipográficas inviabilizando a qualidade ao final do processo de impressão. Com aperfeiçoamento, o uso das gravuras em periódicos se tornou uma realidade mais próxima e no século XIX tornou-se comum seu aparecimento em jornais e revistas de circulação em massa.

As imagens atuam como colaboradoras no processo de compreensão daquilo que está sendo lido, além de ilustrar e colaborar em dar sentido ao contexto linguístico. De uma forma individual podem não agregar significado, mas associadas

a um texto tendem a complementá-lo ou até mesmo sobrepô-lo. Essa combinação possibilita ao indivíduo que se identifica com as sensações as quais, causadas pelas imagens ao atrair, sensibilizar e instigar, expressam em relação a si próprio e a comunidade em que vive. (TORRES, 2014)

A divulgação de imagens constitui mais uma ferramenta de difusão de informações por parte das mídias que exploram o caráter visual objetivando despertar no leitor o interesse por determinada matéria. Elas podem ser de diferentes formas e tamanhos, coloridas ou não, mas independente dos aspectos através do processo de produção, tornam-se itens de grande relevância para alcançar o objetivo final de veiculação.

Exercendo um papel crucial no ato de comunicar, os desenhos contribuem na construção de sentidos e significados. Tendo em vista seu efeito significativo não se pode limitar o perfil a uma simples representação de objetos, lugares e pessoas, pois é um espaço simbólico que desloca experiências na mente de quem vê. Utilizada de forma competente a imagem pode ser um instrumento de comunicação muito poderoso.

Pode-se observar que a apresentação de tais imagens no Recopilador Sergipano era bastante discreta. Gravuras com poucos centímetros se localizavam em contextos e temáticas específicas, contudo tinham harmonia entre o texto e a ilustração, estabelecendo, assim, uma relação de proximidade entre eles. Nas únicas três situações em que aparecem, as gravuras combinam diretamente com o contexto que ilustram.

Nas edições 128 e 136 nos anúncios relacionados a fuga de escravos é possível ver uma gravura dando a entender que aparentemente se trata de um escravo em fuga carregando seus pertences (FIGURA 3):

Figura 3: Escravo em fuga



Fonte: Recopilador Sergipano, n. 128, p.4

A interpretação acerca dessa ilustração surge a partir da constatação da ausência desta nos anúncios que se referiam à compra e venda de escravos.

Já no número 158, ilustrando um anúncio sobre a partida de um navio cargueiro, foi observada a figura 4 semelhante ao que poderia ser uma embarcação:

Figura 4: Navio cargueiro



Fonte: Recopilador Sergipano, n.158, p.4

Em todas as edições do impresso existia uma pequena figura (FIGURA 5) no cabeçalho da primeira página, algo parecido com uma mão cujo dedo indicador estaria apontando na direção direita ao lado da epígrafe:





Figura 5: Mão com dedo indicando



Fonte: Recopilador Sergipano, n. 114, p.1

Essa mesma imagem pode ser vista no corpo do texto em algumas edições. Considerando a maneira como se encontravam nessas ocasiões, podemos deduzir que se tratava de um erro no momento da digitação. Podem ser encontrados da mesma maneira nos números 117, 120 e 134 (FIGURA 6).

Figura 6: indicações dentro do corpo do texto

mercè quer mandar vir da Cidade da Bahia
hum milhão de Chapeos brancos, finos, no-
vos, do ultimo gosto, e finalmente iguaes,
e bem semelhantes  dquelle  que em
signal de sincera, fiel, e desinteressada ami-
zade  VIA NOQNVN  para o Sr.
Joaquim Nogueira de Carvalho Fontes, pelo
custo de 8\$000, alóra 960 réis ao figurado
conductor! pois qua ha nesta Villa hum Co.

Fonte: Recopilador sergipano, n. 117, p.4.

Nessas poucas oportunidades que aparecem mesmo com aspectos muito básicos, as imagens garantem ao periódico uma condição de precursor nesse gênero também, sendo, além do primeiro veículo de comunicação impressa, o que

iniciou o uso de ilustrações. Nesse ponto é importante colocar que, segundo Silva e Linhares (2008), apesar de a fotografia chegar em Sergipe por volta de 1873, apenas nos anos 1900 ela é incorporada aos impressos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de periódicos garante uma série de interpretações que perpassam por entendimentos gerais e/ou individuais. Diante desse perfil, é completamente recomendável que, ao assumir a proposta de investigar esses materiais, o pesquisador se desvencilhe das bagagens pessoais que possam vir a interferir nos resultados.

Considerando o Recopilador Sergipano como objeto de pesquisa fica evidente seu grau de relevância na utilização como fonte. Tomado de características próprias foi possível perceber em seu conteúdo detalhes da diversidade que se nota quanto ao modo que a informação se transforma motivada por interferências sociais, religiosas, políticas, etc.

O estudo da materialidade foi possível com o olhar interdisciplinar da Ciência da Informação, que garantiu a possibilidade de investigar documentos e expandir essas investigações para além dos conteúdos, abarcando suas formas e possibilidades de leitura.

Depois de analisar e expor as características do periódico é adequado descrevê-lo como um importante instrumento de disseminação de informações. Seu caráter pioneiro modificou a maneira como a comunicação era feita, e através disso, podemos constataras vivências de uma sociedade cuja história só poderia ser conhecida através de recortes dos livros de história.

Outro ponto fundamental é a questão da leitura que, inevitavelmente, estende-se ao suporte. Independente das técnicas de leitura utilizadas pelo leitor, é impossível ignorar que essas dependem de um suporte para lhe garantir possibilidades de assimilação do significado. Essa atenção especial que se desprende do conteúdo e se aproxima da forma material lança uma reflexão sobre a constante atualização dos modos de divulgação da informação, comparando as possibilidades de apresentação antigas às tantas que conhecemos hoje, inclusive as que dependem da tecnologia.

A avaliação do conteúdo do documento esclareceu que os assuntos contidos em suas seções representam expressivos indícios de envolvimento pessoal por parte daqueles que os editavam. Um questionamento feito durante muitos momentos da pesquisa remete à cautela na utilização de jornais como fontes, e a finalização desse trabalho depreende que, diante do que foi observado, o olhar do

pesquisador deve estar atento para não comprometer seus resultados baseando-se nas fortes demonstrações de escrita tendenciosa comprovadas nas análises.

No processo de composição e difusão demonstra-se uma eficiência surpreendente diante dos dados que foram coletados e que se referem às técnicas e recursos utilizados, os quais garantiam a eficácia nos meios de produção e circulação do periódico.

Através da análise material surge uma percepção que aproxima ainda mais a prática bibliotecária das questões documentais. A compreensão dos periódicos como fonte de pesquisa coloca o profissional da informação frente ao desafio de disponibilizar para o usuário, da maneira mais acessível, tais informações. Devido às características desses materiais, é crucial uma avaliação prévia que deverá garantir a busca e recuperação eficazes e, quando se trata de documentos históricos, as atribuições profissionais se ampliam percorrendo noções de preservação documental.

O jornal é um documento e como todo documento comunica ideias e carrega informações, e com o Recopilador não é diferente. As mensagens atribuídas aos seus números instigaram um exame profundo e minucioso com o intuito de não deixar passar despercebidos fatos que nos colocariam ainda mais perto dos objetivos iniciais de explorar suas particularidades. Com características simples ele se apresenta como algo semelhante a um pequeno folheto. Seus escritos, em sua maioria, são carregados de pretensões críticas, sejam eles de autoria de seus responsáveis, ou retirados de outros periódicos. Nas edições estudadas foi possível analisar a abertura para contato com seu público, bem como os espaços voltados à publicidade. Esses aspectos serviram de base para a criação de outros impressos que vieram a surgir posteriormente, pois muitos de seus elementos podem ser vistos inclusive em jornais atuais.

A dificuldade de acesso e localização dos exemplares foi um dos pontos principais que requereu ajustes ao longo da pesquisa. A ausência de coleções completas e a má qualidade dos exemplares digitalizados sinalizam a precariedade da preservação dos documentos históricos no Estado. Apesar dos percalços, foram considerados satisfatórios para as análises os números disponíveis e a metodologia adotada.

Em suma, pode-se vincular o estudo da materialidade à necessidade de um meio que irá garantir a experiência leitora, essa é uma questão óbvia que se

perde no senso comum: não existe informação textual sem suporte e este assume total relevância uma vez que é capaz de influenciar não só no modo de ler, mas também na interpretação.

O leitor de jornal busca por informações ligeiras e funcionais, levando em consideração a máxima de que “o leitor que dá existência ao texto”, em um determinado momento foi preciso ir além do provável e buscar compreender o que os leitores fazem com a linguagem, a forma como se apropriam dela e de que maneira o consumo destas interfere sobre os seus pontos de vista.

Finalmente podemos determinar que apesar de satisfatória, essa pesquisa não pode ser considerada conclusiva. Um aprofundamento maior é capaz de revelar muitas outras alternâncias, associado com outras fontes essa pesquisa pode adquirir um caráter muito mais amplo que para a atual proposta não se faz necessário.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa** (1970-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR). **O pragmatismo utópico da Rede Alfredo de Carvalho**. 2001. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/sobre-a-alcar-1/historia-1>. Acesso em: 09 set. 2018.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFRGS, 2004. Grupo de Trabalho. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1/Como%20escrever%20uma%20historia%20da%20imprensa.doc> . Acesso em: 04 ago. 2018.>

BERTO, Rosianny Campos. **Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940**. 2008. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2008.

BRASIL. Biblioteca da Câmara dos Deputados. **Coleção de Leis do Império do Brasil** - 1808, v. 1, p. 29, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

BRASIL, Bruno. **Recopilador Sergipano & Noticiador Sergipense**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/recopilador-sergipano-noticiador-sergipense/>>. Acesso em 20 ago. 2017.

CALDEIRA, Adriano. **Chamadas de capa: análise do gênero jornalístico com abordagem sócio-retórica de Swales**. Dissertação (Mestrado em Ciências da linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina. 2007. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/92999_Adrino.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CÂMARA, Bira. O nascimento da imprensa. In: **Jornal do Bibliófilo**. 2009. Disponível em: <<http://jornalivros.com.br/2009/08/o-nascimento-da-imprensa/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COSTA FILHO. **O fundador da imprensa sergipana**. Aracaju. 1920.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e evolução; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

DEPEXE, Sandra Dalcul. O duplo lugar da publicidade nas páginas do jornal. **Revista Nexi**, n.1, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/3318/4559>>. Acesso em 27 jul. 2018>.

FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto**: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FRAGA, Andréa Silva de. **O Estudo e sua materialidade**: revista das alunas-mestras da escola complementar/normal de Porto Alegre/RS (1922-1931). Hist. Educ. 2013, vol.17, n.40, pp.69-97. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592013000200005>>. Acesso em: 02 set. 2017.

FREIRES, Thiago Gaudêncio Siebert. **Relações entre a Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação**: um estudo dos conceitos de representação documentária, mediação e comunicação científica. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.rabci.org/rabci/sites/default/files/TCC-Freires.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2017.

FRIDERICH, Bibiana. P. et al. Jornal O Nacional: articulando os interesses do capital na década de 1920. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 4., 2006, São Luiz do Maranhão. **Anais...** Florianópolis: Rede Alfredo de Carvalho - UFSC, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura. **Rev. digital de biblioteconomia e ciência da informação**, Campinas, SP, v.12, n.2 p.5-19 maio/ago. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1611>>. Acesso em: 05 set. 2017.

GOUVEA, Maria Cristina. PAIXÃO, Cândida. Uma nova família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40) In: XAVIER, Maria do Carmo (org.) **Manifesto dos pioneiros da educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

JANUÁRIO, Sandryne Bernardino Barreto. A relação interdisciplinar entre a ciência da informação e a ciência da comunicação: o estudo da informação e do conhecimento na biblioteconomia e no jornalismo. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 2, p.151-165, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1961>>. Acesso em: 03 set. 2017.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

LEMOS, Ariane Barbosa; NASSIF, Mônica Erichsen. Informação e notícia: conexões no âmbito da Ciência da Informação e da Comunicação Social. **DataGramaZero**, v.12 n.3, jun 11. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/10228>>. Acesso em: 05 set. 2017.

LIMA, Luana Araújo de. **O ensino de editoração científica nos cursos de Biblioteconomia**. 2014. 95f. Monografia (Graduação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20ensino%20de%20Editora%C3%A7%C3%A3o%20Cient%C3%ADfica%20nos%20cursos%20de%20Biblioteconomia.pdf>> Acesso em: 08 set. 2017

LOPES, Fernandes Dirceu. Imprensa Brasileira, 200 ANOS: Uma história marcada por censura e resistência. **Revista do Observatório da Imprensa**. n.488, 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-asas/uma_historia_marcada_por_censura_e_resistencia/> Acesso em: 26 jun. 2018.

MAIMONE, Giovana; TÁLAMO, Maria de Fátima. A atuação do bibliotecário no processo de editoração de periódicos científicos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.2, p.301-321, jul./dez., 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **Imprensa e cidade**. São Paulo, SP: UNESP, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa**: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003.

MURGIA, Eduardo Ismael. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In: FREITAS, Lídia Silva; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (orgs). **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: EduUFF, 2010.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C.; MOREL, Marco (Org.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro, RJ: PD&A, FAPERJ, 2006.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 3.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.

NOVAES, Aline da Silva. Do jornal ao livro: uma investigação sobre a noção de materialidade em João do Rio. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.22, n.37, jul/dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/19928>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial I (1820-1840)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

OLIVEIRA, Acrísio Gonçalves de. O jornal da Vila do Monsenhor. **Folha da Região**, Estância, 11 jan. 2018. Disponível em: <<http://folhadaregiaoonline.com.br/?p=noticia&id=2481>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento de Otlet aos dias de hoje. **DataGamaZero**- Revista de Ciência da Informação. v.11, n.2, abr., 2010.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

RABELLO, Rodrigo; RODRIGUES, Georgete. Prova documental: inscrições e materialidade. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 1-20, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/17411>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

REHM, Margarete. **Informação e comunicação no passado e presente**. Disponível em: <<http://www.ib.hu-berlin.de/~wumsta/infopub/textbook/umfeld/rehm5.html>>. Traduzido pela autora. Acesso em: 29 ago. 2017.

SALDANHA, Olavo. **Os Primeiros Jornais do Brasil**. 2011. Site Imagens e Letras - Diversidade Cultural. Disponível em: <<https://olavosaldanha.wordpress.com/os-primeiros-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

SANTANA, Ana Lúcia. Editoração. **Revista InfoEscola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/editoracao/>>. Acesso em: 02 set. 2017.

SANTO, Patrícia Espírito; DUMONT, Lúgia. As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal estado de minas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/15163>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SILVA, Anderson de Freitas. **Revista Praticando Capoeira: materialidade e representações**. 2012. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.

SILVA, Elbênia Marla; Ramos LINHARES, Ronaldo Nunes. IMPRENSA SERGIPANA: que história podemos contar? In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal. **Anais...** Natal, RN, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20imprensa%20em%20Sergipe.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Informação e documento: relações simbióticas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.9, n.1, p. 91-110, abr. 2015.

SOBRINHO, Sebrão. **Monsenhor Silveira o Fundador da Imprensa**. Aracaju: Regina, 1947.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Edivânio Duarte. **A Ciência da Informação: fundamentos epistêmicos-discursivos do campo científico e do objeto de estudo**. Maceió: Edufal, 2015.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. A questão dos aspectos editoriais na coleção leitura escolar do autor Thales Castanho de Andrade. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais...** Campinas, SP, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo de Tarso. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 67-88.

TORRES, Adriana Aparecida Lemos. A imagem na divulgação científica. **Interfaces- Rev. de Extensão**, Belo Horizonte, v. 2, n.3, p. 169-171, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/download/132/pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2018.